

**DULCÍNIO CARLOS RIBEIRO ROSA DE
VASCONCELOS**

**RELATÓRIO DE DESEMPENHO DE ACTIVIDADE
PROFISSIONAL ENQUANTO PROFESSOR DA
ESCOLA BASIS INTERNATIONAL SCHOOL OF
SHENZHEN**

Orientador: Professor Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2021

**DULCÍNIO CARLOS RIBEIRO ROSA DE
VASCONCELOS**

**RELATÓRIO DE DESEMPENHO DE ACTIVIDADE
PROFISSIONAL ENQUANTO PROFESSOR DA
ESCOLA BASIS INTERNATIONAL SCHOOL OF
SHENZHEN**

Relatório de desempenho de atividade profissional apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário no Curso de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação N.º 288/2021, no dia 14 de dezembro de 2021.

Presidente: Prof. Doutor João Jorge Comédias Henriques

Arguente: Prof. Doutor Mário Luís Castro Guimarães

Orientador: Prof. Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2021

Educação é aquilo que fica
depois de se esquecer tudo
o que se aprendeu na
escola.

(Albert Einstein)

Agradecimentos

- A todos os alunos com quem trabalhei ao longo da minha carreira.
- A todos os colegas com quem muito aprendi.
- Aos administradores das escolas *BASIS International School of Shenzhen* e *Carlucci American International School of Lisbon*, especialmente Blannie Curtis, Nate Chapman, Katie Morris, David Price e Gus Ferreira por sempre terem acreditado em mim.
- Ao Professor Doutor Francisco Carreiro da Costa pela disponibilidade e orientação na elaboração deste documento.
- Ao Professor Doutor Paulo Jorge Rodrigues Cunha pelo incentivo e ajuda no início do processo que culminou com a entrega deste relatório.
- A todos os professores que muito me ensinaram e guiaram pela vida fora.
- Aos meus pais Rosalinda e Dulcínio.
- Aos meus irmãos Salette e Eduardo.
- À minha esposa Joana.
- Aos meus filhos Leonardo e Dulcínio.

Resumo

Este relatório pretende reportar o que foi o meu ano enquanto professor de Educação Física (EF) da escola *BASIS International School of Shenzhen (BISZ)*, estando dividido em dois capítulos: Lecionação e Atividades de Complemento Curricular (ACC). Nele, explico com detalhe aquilo que eu trouxe da minha formação inicial e experiência profissional para os alunos desta escola, incidindo na descrição do quadro conceptual de como organizei a minha atividade docente: que perspectiva pedagógica me norteou, que objetivos me propus alcançar, que metodologias de ensino utilizei, como avaliei os alunos e também o descrever de como foi a implementação do referido quadro. Este relatório contém uma parte bastante extensa que se refere à minha docência num contexto de ensino à distância, e encerra com uma conclusão em que se pretende analisar o grau de sucesso atingido e projetar o meu futuro com base nesta experiência.

Palavras Chave: Educação Física, Atividades de Complemento Curricular, Lecionação, Alunos, Professor, Avaliação.

Abstract

This document's purpose is to report on my year as a Physical Education (PE) teacher at BASIS International School of Shenzhen (BISZ). It is divided into two chapters: Teaching and Co-curricular Activities. I provide detailed explanations referring to my initial training as a teacher, as well as my professional experience in order to justify what I implemented to the students of the school. In particular, I focus on the description of the educational philosophy and how this influenced my teaching activities. This pedagogical perspective guided me in setting goals, the teaching methodologies I chose, the ways I assessed students, and how this was executed. The report includes an extensive section of my experience with teaching online and ends with a conclusion where I analyze the degree of success, and how my future will be impacted based on the experience.

Key words: Physical Education, Co-Curricular Activities, Teaching, Students, Teacher, Assessment.

Abreviaturas

A – Nível Avançado

ACC – Atividades de Complemento Curricular

AD – *Athletics Director*/Coordenador das Atividades de Complemento Curricular Desportivas

AI – Avaliação Inicial

BEEEF – Acrónimo em inglês utilizado no ensino do lançamento em basquetebol. O B significa *Balance*/Equilíbrio, o primeiro E significa *Eye*/olhar para o cesto, o segundo E significa *Elbow*/cotovelo alinhado, o terceiro E significa *Extension*/Extensão, e o F significa *Follow-Through*/Completar o movimento

BIPH – *BASIS International School of Park Lane Harbor*

BISG – *BASIS International School of Guangzhou*

BISZ – *BASIS International School of Shenzhen*

CAISL – *Carlucci American International School of Lisbon*

CJ – *Classroom Journal*: diário utilizado pelos alunos em todas as disciplinas, onde estes registaram informação referente às aulas

DE – Desporto Escolar

DEF – Departamento de Educação Física

E – Nível Elementar

EF – Educação Física

I – Nível introdução

MS – *Middle School*: anos de escolaridade do 6º ao 8º

PE – *Physical Education*

PI – *Performance Indicators* (Indicadores de performance)

PRC – Pearl River Conference

RPC – República Popular da China

SISAC – *Shenzhen International Schools Athletics Conference*

UD – Unidade didática

US – *Upper School*: anos de escolaridade do 9º ao 12º

ÍNDICE

Introdução.....	10
Capítulo 1 – Lecionação.....	15
1.1– Caracterização do Espaço e Grupo de Educação Física.....	16
1.1.1– Panorama Geral do Ensino de Educação Física.....	16
1.1.2– O Departamento de Educação Física.....	17
1.1.3– Os Espaços Dedicados à Educação Física	18
1.1.4– O Equipamento.....	18
1.1.5– O Coordenador de Departamento	19
1.2– Planeamento.....	19
1.2.1– O Currículo e a Planificação Anual.....	19
1.2.2– A Avaliação Inicial	28
1.2.3– Objetivos/Prioridades	39
1.2.4– Unidades Didáticas.....	40
1.3– Avaliação.....	43
1.3.1- Avaliação Sumativa	43
1.3.2- Avaliação Formativa.....	46
1.4– <i>Wellness Week</i>	47
1.5– Ensino à Distância	48
1.5.1- Contextualização	48
1.5.2- As Quatro Diferentes Fases.....	50
1.6 – Balanço	54
Capítulo 2 – Atividades de Complemento Curricular	58
2.1– Caracterização das Atividades de Complemento Curricular	59
2.1.1– Contextualização	59
2.1.2– Estrutura Geral	59
2.2– As Atividades Desportivas	60
2.2.1 – Contextualização	60
2.2.2 – Estrutura	60
2.2.3 – O Coordenador das Atividades Desportivas.....	63
2.3– As Atividades que Eu Liderei.....	63
2.3.1– Contextualização	63
2.3.2– Voleibol Masculino US.....	64

2.3.3– Voleibol Masculino MS	70
2.3.4 – Quadro Competitivo: Ligas/Conferências	73
2.3.5– Balanço	76
Conclusão	78
Referências Bibliográficas	78

Índice de Quadros

Quadro 1 - <i>Grading Periods</i>	20
Quadro 2 - <i>Performance Indicators</i>	22
Quadro 3 - Objectivos por Ano	23
Quadro 4 - Matérias e Calendarização	27
Quadro 5 - Resultados <i>FitnessGram</i> – 1ª aplicação	29
Quadro 6 - Exercícios em Avaliação Inicial	30
Quadro 7 - Resultados da Avaliação Inicial	36
Quadro 8 - Avaliação Sumativa - Parâmetros	43
Quadro 9 – Compilação de Rúbricas de Avaliação	44
Quadro 10 - Resultados <i>FitnessGram</i> – 2ª aplicação	56

Introdução

Este relatório foi realizado no âmbito da disciplina de Estágio Pedagógico, que está inserida no Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. O seu conteúdo diz respeito ao desempenho da minha atividade profissional enquanto docente da disciplina EF durante o ano letivo de 2019-20 na escola BISZ, na República Popular da China (RPC). Desde que me licenciiei neste curso a 12 de junho de 2002, fui professor durante dois anos no projeto “Educação Física nas Escolas” da Câmara Municipal de Sintra, e nos treze seguintes na escola *Carlucci International School of Lisbon* (CAISL). Pelo contacto que fui tendo com professores de várias nacionalidades, desenvolvi a ambição de ter uma experiência enquanto docente fora do nosso país. Como tal, decidi imigrar no ano letivo de 2019-20, e é a esse ano que este documento diz respeito.

De julho de 2019 a junho de 2020, exerci atividade profissional na BISZ, tendo sido o 17º ano da minha carreira e o 14º ano em que lecionei numa escola internacional. A experiência que deveria ter tido a duração de três anos, tal como previsto no contrato, foi encurtada para apenas um. Por razões inerentes à situação pandémica que vivemos, tornou-se fisicamente impossível regressar à RPC devido ao encerramento das fronteiras.

Num mundo cada vez mais global, o número de escolas internacionais e a sua importância no contexto educativo a nível mundial tem tido um crescimento exponencial. Hayden e Thompson (2008) referem que à medida que o fator globalização ganha força e velocidade, o sector das escolas internacionais provavelmente ganha maior significado. As motivações para embarcar nesta aventura foram essencialmente poder estar imerso num contexto profissional diferente com a expectativa de aprender muito mais sobre a minha profissão, o salário, cerca de três vezes e meia aquilo que auferia em Portugal e também proporcionar aos meus filhos uma experiência internacional a viver fora do nosso país.

A procura de um destino para imigrar e viver esta experiência ficou, por decisão a nível familiar, limitada ao médio oriente e ao sudeste da ásia. Utilizei a plataforma online *Search Associates* que é essencialmente uma base de dados sobre vagas de emprego na área do ensino pelo mundo fora. Como a decisão foi tomada em dezembro de 2018, ou seja, relativamente tarde, já tinha então perdido uma primeira fase de colocação de professores que acontece nos meses de outubro e novembro. Depois entrámos na fase em que parte significativa das escolas participam em feiras de emprego, e por isso, contratam menos através da base de dados. Tendo também consciência que

sou um professor “caro”, pelo facto de a entidade empregadora ter de assumir despesas com os meus dependentes, foi sem surpresa que apenas em fevereiro tive a minha primeira proposta de emprego. Rejeitei na altura uma oferta de uma escola no *Kuwait*. Apesar de a proposta ser muito generosa financeiramente, fatores como a qualidade do ar no país e as restrições que a minha esposa teria na sua vida pessoal, determinaram que não aceitássemos a oferta. Nessa altura, focámos as nossas pesquisas na RPC, país que sempre nos fascinou, nomeadamente em termos culturais.

A qualidade do ar na China foi para nós também aqui um motivo de preocupação, e por isso, decidimos considerar apenas o sul do país, privilegiando a província de *Guangdong* (Cantão). Ao contactar diversas escolas na cidade de *Shenzhen*, foram logo marcadas entrevistas com três delas. Acabei por aceitar uma proposta da escola do grupo BASIS, que está a investir fortemente no mercado chinês, que a par dos Emirados Árabes Unidos, domina com o maior número de escolas internacionais em funcionamento a nível mundial, sendo também no continente Asiático onde se concentra a grande maioria de escolas deste tipo (Curphey, 2019).

As escolas BASIS pertencem ao grupo empresarial *Ascend International Education*. Este grupo financeiro está a investir fortemente na RPC, tendo já neste momento escolas BASIS nas cidades de *Shenzhen*, *Guangzhou*, *Hangzhou*, *Nanjing*, *Huizhou*, e *Bangkok* na Tailândia. O grupo tem planos para abrir novas escolas em *Beijing*, *Chengdu*, *Tianjin* entre 2021 e 2023, e uma segunda escola na cidade de *Shenzhen* já no letivo 2020-21. O grupo opera as escolas em regime de *franchising*, visto que a marca BASIS é originária dos Estados Unidos da América, onde existem 37 escolas. Estas estão localizadas na sua maioria nos estados do Arizona e do Texas. O grupo *Ascend* paga basicamente pela marca, pelo currículo, pela utilização dos recursos online e pela contratação de professores.

As novas escolas estão a ser construídas de raiz, e por isso oferecem condições fabulosas para os seus alunos, incluindo salas de aula espaçosas, recursos tecnológicos avançados, teatros e auditórios, ginásios, campos exteriores e piscinas para a disciplina de EF. A escola BASIS *Shenzhen*, no entanto, funciona num edifício empresarial de sete pisos. Será construída uma nova escola, mas os planos têm sido repetidamente adiados, sendo agora provável que seja inaugurada em 2022. Até ao fim deste ano letivo, a construção ainda não tinha começado. A escola, inaugurada em 2015, tem cerca de 1200 alunos do Jardim de infância até ao 12º ano, sendo uma escola *K-12*, designação em inglês

para escolas que têm alunos desde o jardim de infância até ao 12º ano de escolaridade, perto de 110 professores, e um grupo de Educação Física com cinco professores de cinco diferentes nacionalidades. Os alunos, exceto os filhos de professores, são de nacionalidade chinesa, mas de acordo com as leis do país, têm obrigatoriamente de ser possuidores de um segundo passaporte para serem elegíveis para estudarem numa escola internacional. As secções da escola são o *Pre/K*, alunos dos 3 aos 5 anos; *Primary*, do 1º ao 5º anos de escolaridade; *Middle School* (MS) dos 6º aos 8º anos; e *Upper School* (US) dos 9º ao 12º anos. A escola tinha uma lista de espera de mais de uma centena de crianças, e cada vez que um aluno saiu da escola, outro tomou o seu lugar no máximo em uma semana.

Este relatório compreende esta introdução, seguida de dois capítulos: lecionação e atividades de complemento curricular. Parte significativa deste relatório incide na minha docência em contexto de ensino à distância. Como é de conhecimento geral, a pandemia que vivemos teve o seu início na RPC, e afetou em primeiro lugar as escolas deste país. Foi na China que se confinou primeiro, e foi também lá que as escolas encerraram antes de no resto do mundo. O ensino à distância foi por isso praticamente metade do nosso ano letivo.

Segue-se o capítulo das atividades de complemento curricular (ACC). É comum neste tipo de escolas que estas atividades sejam chamadas de *Co-Curricular*, conceito que nas de desporto tem várias semelhanças com o nosso Desporto Escolar (DE). Tal como na escola internacional em que lecionei em Lisboa, o objetivo é proporcionar aos alunos um leque variado de atividades nas quais os alunos se podem inscrever com base nas suas preferências e aptidões. Exemplos incluem vários clubes de desporto, teatro, coro, robótica, serviço comunitário, etc. Estes não são obrigatórios, e os alunos podem inscrever-se em vários. Na BISZ, muitos deles são pagos extra pelos encarregados de educação, e alguns envolvem também um pagamento extra para os professores. Uma grande diferença para o nosso DE prende-se com o facto de qualquer professor poder ser responsável por um destes clubes. Da mesma maneira que um colega de EF foi o responsável por um clube de edição de vídeo, outros, de outras disciplinas foram treinadores em clubes de desporto. Durante este ano, fui treinador de duas equipas de voleibol: US masculino com alunos dos anos 9º ao 12º, e MS, também masculino com alunos dos anos 6º ao 8º anos.

O relatório encerra com uma conclusão em que pretendo analisar o grau de sucesso atingido, e projetar o meu futuro com base nesta experiência.

Importa referir que por motivos de confidencialidade, estou obrigado a não partilhar ou citar documentos oficiais da escola no que diz respeito ao currículo, à organização, ao planeamento e à avaliação, pelo que me referirei apenas a questões gerais e organizacionais a um nível macro, ou explicitando a minha interpretação pessoal do que estava escrito.

Refiro também que para as citações e referências bibliográficas que constam neste texto foram utilizadas as normas da *American Psychological Association* (APA).

Capítulo 1 – Lecionação

1.1– Caracterização do Espaço e Grupo de Educação Física

1.1.1– Panorama Geral do Ensino de Educação Física na Escola

A disciplina de EF esteve integrada num grupo de disciplinas chamado *specials*. Este grupo integra também Arte, Música e Teatro. Cada departamento destas disciplinas tem a sua autonomia, e a única colaboração entre elas verificou-se durante as reuniões gerais de professores que ocorreram uma vez por mês às quartas-feiras. Estava prevista uma atividade em que existiria colaboração de todas as disciplinas *specials*, que se iria realizar na escola *BASIS Park Lane Harbor* (BIPH) com o tema de fundo os jogos olímpicos. Esta atividade seria basicamente organizada pelos departamentos de EF da nossa escola e da BIPH, mas com a colaboração das outras *specials*, pois haveria atividades que as envolveriam. Exemplos incluem o toque e o canto de hinos nacionais, a representação das culturas dos países envolvidos em pequenas peças de teatro ou a criação de arte alusiva ao evento. O planeamento desta atividade deveria ter tido o seu início em início de fevereiro, para ser então uma atividade de final de ano. Pelo facto de a escola não ter reaberto fisicamente no início de fevereiro, este projeto foi adiado para o ano letivo seguinte.

As *core subjects*, ou sejam, o inglês, a matemática, as ciências, os estudos sociais e o mandarim foram a grande base do ensino tanto na carga horária, como na forma como a escola se posicionou em termos de marketing. Sendo uma instituição privada e com fins lucrativos, houve uma preocupação natural e visível de oferecer um produto que fosse de encontro ao que as famílias pretendem e esperam de uma escola privada na RPC. No que diz respeito à EF, esta tendência verificou-se mais a partir do 6º ano. Até lá, a carga horária foi na minha opinião ideal, com aulas diárias de 35 minutos cada. No MS, os alunos tiveram EF três vezes por semana com aulas de 50 minutos e os do US duas vezes com aulas também de 50 minutos. Mohnsen (1997) defende que se os alunos têm 50 minutos diários dedicados a disciplinas como ciência e matemática entre outras, devem também ter 50 minutos dedicados à EF. Se forem 100 minutos em dias alternados, também 100 devem ser dedicados em dias alternados à EF. Pode-se dizer que no MS na BISZ, a carga ainda é satisfatória, existindo, no entanto, um decréscimo evidente do tempo de exposição à disciplina com o avançar da carreira académica dos alunos. A distribuição das aulas pelos dias da semana não foi uma prioridade na elaboração dos

horários, e para um número significativo de turmas, era aconselhada uma distribuição mais equilibrada. Por exemplo, uma turma minha do 6º ano teve as suas três aulas à 4ª, 5ª e 6ª feira, ou seja, estes alunos tiveram quatro dias seguidos sem aula. Este é um fator que deve ser considerado em qualquer parte do mundo. Em Portugal, Brás & Monteiro (1998) referem que esta distribuição da carga horária deve respeitar as recomendações dos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), essencialmente no que a parâmetros do esforço diz respeito, mas também em relação ao tempo que os alunos têm para se “esquecer” do que aprenderam até à aula seguinte. Este fator colocou-me desafios no como seria mais sensato dosear a carga, e a intensidade e densidade de esforço.

1.1.2– O Departamento de Educação Física

O departamento de educação física (DEF) foi composto por cinco professores e não poderia ter sido mais diverso em termos de formações iniciais e experiências profissionais. As nacionalidades que compuseram o grupo foram a Jamaica, a Índia, o Canadá, os Estados Unidos da América (EUA) e Portugal. Marques et al. (2017) referem que a diversidade de crenças educacionais partilhadas por professores de EF numa escola não os impede de perseguirem objetivos comuns. Posso afirmar que os membros deste departamento perseguiram um objetivo comum, e trabalharam em função dele: potenciar as aprendizagens dos nossos alunos. Exemplos desta partilha incluem cooperação na elaboração de objetivos ano, a gravação e observação de aulas de colegas, e também e muito, as sessões de *debriefing* no fim destas observações.

Foi marcada uma reunião mensal, que acabou por ser cumprida apenas três vezes, sendo constantemente um desafio encontrar um horário conveniente a todos os professores. Assim sendo, muita da comunicação acabou por ser feita online, por vezes sem todos os professores presentes em simultâneo. Nas escolas da RPC, é comum que as comunicações sejam feitas através da aplicação chinesa *WeChat*. Esta é muito semelhante por exemplo ao *WhatsApp*, mas tem mais funcionalidades tal como pagamentos e é também uma rede social como o *Facebook*. Raramente o email foi utilizado, e tanto as mensagens como as videochamadas foram o principal meio de comunicação. Mesmo até quando a distância física entre colegas era reduzida, o comum era a troca de mensagens. Este foi um conceito que confesso que tive alguma dificuldade em compreender e me adaptar.

Foi também em grupo que se decidiu que material comprar e se fez a planificação anual. Esta foi decidida na primeira reunião.

1.1.3– Os Espaços Dedicados à Educação Física

Tal como referi na introdução, uma nova escola física está prestes a ser construída. No último dia em que estive fisicamente em *Shenzhen* e na BISZ, foram apresentados os projetos de arquitetura para aquilo que vai ser uma realidade a curto prazo. No entanto, neste ano letivo, a escola ainda utilizou, pelo sexto ano consecutivo as instalações no complexo *Netvalley*. Este é um complexo com seis edifícios empresariais, todos eles iguais, e com sete pisos cada. O grupo *Ascend* fundou a escola num deles, e este será utilizado até que a mudança para a nova escola seja possível. As salas de aula são enormes e repletas de material e tecnologia. No entanto, a EF é talvez a disciplina que mais anseia pela mudança. Existe um ginásio e um espaço multi-usos/*multi-purpose* (MPR) que durante o período de aulas é utilizado pela EF. O ginásio é uma adaptação da ponte que une dois dos edifícios do *Netvalley*. A prática de desportos como badminton e o voleibol está limitada pela altura e só existe uma tabela de basquetebol em cada metade. Este ginásio albergou principalmente as aulas de MS e US, mas também algumas de PS. O espaço MPR tem uma área superior a metade do ginásio, mas tem um teto ainda mais baixo, e duas colunas no meio. Apesar destas estarem protegidas com revestimento esponjoso, não deixam de ser um obstáculo, constituindo perigo, e limitando, portanto, a utilização do espaço. A escola tem uma pista de atletismo no exterior. Esta pista de 100 metros nunca foi utilizada em aulas de EF pela razão de que estavam sempre alunos no recreio durante todas as horas do dia, alternando as turmas a utilização deste espaço para este efeito. A título de curiosidade, e por razões semelhantes, refiro que o refeitório, para poder servir refeições a todos os alunos, servia desde as 10h30 até às 14h30.

1.1.4– O Equipamento

Como referi no ponto anterior, a utilização do espaço constituiu um desafio. A utilização do material disponível para as aulas constituiu um desafio ainda maior. Na semana que antecedeu o início das aulas foi feito um inventário. Constatou-se que havia material de sobra para matérias como basquetebol, voleibol, badminton e futebol, mas em

falta para rãguebi, futebol americano atletismo e beisebol. Identificou-se também a necessidade de comprar novos conjuntos de coletes visto os atuais estarem em más condições. Decidiu-se também que não era necessário a aquisição de material didático como obstáculos para percursos, divisores, marcadores/cones, pois a quantidade/qualidade do existente assegurava um normal decorrer das aulas até à mudança para a nova escola. E foi este critério que presidiu praticamente todas as decisões relacionadas com material, ou seja, não se justificava um investimento significativo pelo menos durante este ano letivo. Aquando da inauguração das novas instalações, todo o material seria novo, e de acordo com as características do novo espaço. Como a rotação dos espaços não era um verdadeiro *roulement*, era indiferente onde lecionávamos. Mas estávamos condicionados a não ensinar matérias em simultâneo, visto haver uma utilização alternada do equipamento.

1.1.5– O Coordenador de Departamento

O DEF foi coordenado pelo professor de EF que há mais anos fazia parte do corpo docente da BISZ. Desde o ano zero da escola que este professor tem este cargo. Como descreverei no ponto seguinte quando me referir ao currículo, não faz parte das tarefas deste professor ou do grupo desenvolvê-lo. As suas funções durante este ano letivo foram representar o grupo em reuniões de coordenadores de departamento, gerir o inventário de material, coordenar as observações de aulas entre colegas, liderar/moderar reuniões de departamento, e também moderar o grupo de EF do *WeChat*.

1.2– Planeamento

1.2.1– O Currículo e a Planificação Anual

O ano letivo teve o seu início no dia 5 de agosto de 2019, e o seu final estava inicialmente previsto para 29 de maio de 2020. No entanto, em abril e por razões relacionadas com a pandemia, foi tomada a decisão de o estender até 26 de junho. O ano letivo na BISZ divide-se em cinco períodos, chamados *Grading Periods* (GP). Na configuração final, os cinco ficaram assim definidos:

GP1	De 5 de agosto a 27 de setembro
GP2	De 7 de outubro a 29 de novembro
GP3	De 2 de dezembro a 28 de fevereiro
GP4	De 2 de março a 30 de abril
GP5	De 4 de maio a 26 de junho

Quadro 1 – *Grading periods*

O ano letivo teve as seguintes paragens:

- Dia nacional, de 30 de setembro a 4 de outubro;
- Inverno, de 23 de dezembro a 3 de janeiro
- Ano novo Chinês, de 20 a 31 de janeiro

E os seguintes feriados:

- *Mid-Autumn Festival*, a 13 de setembro;
- Dia de ação de graças, a 22 de novembro;
- *Qing Ming*, a 6 de abril;
- Dia do trabalhador, a 1 de maio. Por decisão da administração para compensar o número de dias em confinamento, este dia acabou por ser um dia de aulas,

Segundo Hayden e Thompson, uma das áreas em que as escolas internacionais são em geral, distintas das escolas em sistemas educativos nacionais, é o currículo. O grupo *Ascend* importa o currículo BASIS dos EUA, sendo este próprio e comum a todas as escolas do grupo, tendo como base o *Common Core* dos Estados Unidos que se foca essencialmente na Matemática e no Inglês. Nele pretende-se que estas disciplinas se estendam a todas as outras. Pelo facto de para a esmagadora maioria dos alunos o inglês ser uma língua não materna, na EF, os nossos documentos orientadores identificaram como obrigatório o uso de estratégias que incluíssem o uso da língua inglesa no máximo de situações de aprendizagem possível. As estratégias que utilizei foram a óbvia utilização do inglês em todas as atividades da aula e a escrita no *Classroom Journal* (CJ) dos meus objetivos para as unidades didáticas (UD), com foco no conteúdo das aulas e nas dificuldades e sucessos que os alunos identificaram tanto individual, como coletivamente. A EF não teve qualquer orientação para fazer o mesmo com a Matemática.

O currículo está disponível numa aplicação online com o nome *BeLA*. Todo o planeamento é feito aí, sendo expectável que os professores lecionem as matérias previstas e apenas essas. Apenas o quando é opção para os professores. O currículo é uma listagem de matérias e de objetivos gerais para cada ciclo de ensino. Na aplicação *BeLa* foi-nos comunicado que deveríamos colocar as datas em que lecionámos cada matéria e quando terminámos de a lecionar. Esta aplicação é utilizada por todas as disciplinas, e acaba por não refletir o dia-a-dia da nossa pela impossibilidade de se colocar datas para mais que uma vez em que se lecionou uma matéria. O que foi decidido em DEF foi que se colocariam as datas da primeira vez em que a matéria foi lecionada. Na minha opinião, este foi um procedimento desprovido de sentido, mas todos os professores da escola estavam obrigados por escrito a ter a aplicação “atualizada.” Era aqui que estavam os objetivos por matéria e por ciclo. Na impossibilidade de transcrevê-los, posso afirmar que não tinham uma lógica de progressão, e o facto de serem os mesmos para todas as escolas do grupo, dentro e fora dos EUA, fizeram deles em muitas matérias irrelevantes.

Este tipo de planificação foi difícil de gerir. Não pelo espaço, mas pelo material disponível. Para tal, foi decidido um modelo em que os professores não leccionariam matérias em simultâneo, o que constituiu uma tarefa desafiante, pois a planificação tinha que incluir todos os níveis de ensino e pressupôs um ensino por blocos, não sendo esse o método de ensino que por convicção quis utilizar. Esta decisão também invalidou que pudesse planear por etapas, tal como fiz em toda a minha carreira. Segundo Bom et al. (1989), o planeamento de um ano letivo dever ser composto por quatro etapas. A primeira designa-se por **prognóstico**, na qual deve ser realizada uma avaliação inicial (AI), essencial para se poderem definir objetivos. Deve seguir-se uma segunda, denominada de **prioridades**, onde se trabalha fundamentalmente aquilo que definimos como prioritário, estabelecendo para a etapa seguinte uma base com menos assimetrias no nível dos alunos e no nível geral do grupo. A terceira, a etapa **progresso**, caracteriza-se pela operacionalização e consolidação dos conteúdos. E a etapa final, a etapa **produto** na qual se faz um balanço do ano. Como todos os outros professores ensinaram por blocos, tive de me adaptar em termos do planeamento anual, e ensinar por matérias quando possível. Planeei por etapas nas atividades de complemento curricular descritas no segundo capítulo deste relatório.

Não sendo possível, por questões de confidencialidade, transcrever os objetivos que nos deveriam nortear, vou tentar de uma forma resumida e por matéria, descrevê-los.

Importa referir que esta é a minha interpretação dos objetivos enquanto profissional, e não o que estava por escrito nos documentos oficiais da escola.

O aluno, no final do ciclo de MS devia ser capaz de executar corretamente:

Basquetebol	Diferentes técnicas de drible e passe, lançamento em suspensão e na passada, fazer defesa individual, compreender a situação de jogo 5X5 e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Voleibol	A técnica de passe em toque de dedos, manchete, serviço e remate, compreender a situação de jogo 6X6 e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Futebol	Controlo de bola e drible, passe, remate, posicionamento, defesa, cabeceamento, técnica de guarda-redes, técnica de reposição da bola pela linha lateral, compreender a situação de jogo 7X7 e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Râguebi	Passe com as mãos e pés, compreender a situação de jogo com duplo toque 7X7 e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Badminton	Posição fundamental/trabalho de pés, pega, coordenação óculo-manual, serviço, <i>clear</i> , <i>lob</i> , <i>amorti</i> , <i>drive</i> , remate, compreender as situações de jogo singulares/pares e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Futebol americano	Passe e receção, <i>punting</i> , entender os conceitos de jardas e <i>downs</i> , compreender a situação de jogo 7X7 e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Beisebol	<i>Pitch</i> , <i>bat</i> , defesa no <i>in</i> e <i>out fields</i> , conquistar bases, compreender o jogo formal e entender as regras básicas do jogo e as suas origens
Atletismo	Partida de blocos, técnica de lançamento de peso, técnica de salto em altura, técnica de corrida, realizar provas de 100, 200 e 400m, de estafetas 4X100 e 4X400m e entender as origens do desporto e as suas origens
Wellness	Compreender as vantagens de se ser fisicamente ativo, o que é composição corporal, como prevenir lesões, as vantagens de se ter uma alimentação saudável e manter bons hábitos de higiene

Quadro 2 – Objetivos de ciclo para MS

Em cooperação com o outro professor que lecionou MS, e numa perspetiva de estabelecer objetivos realistas (Silverman e Ennis, 1994), decidimos estabelecer objetivos por ano da seguinte forma:

Os alunos deveriam ser capazes de executar corretamente:

Matéria	6º ano	7º ano	8º ano
Basquetebol	-Drible com a mão dominante -Passe de diferentes tipos: de peito e picado -Lançamento apoiado e na passada no lado dominante -Defender o seu jogador individualmente em meio campo -Jogo reduzido 3X3 -Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Drible com ambas as mãos. -Passe de diferentes tipos: de peito, picado e sobre a cabeça -Lançamento em suspensão e na passada no lado dominante -Defender o seu jogador individualmente e dando ajuda em meio campo -Jogo reduzido 4X4 -Aplicar as regras básicas do jogo	-Drible com ambas as mãos e sem olhar para bola. -Passe de diferentes tipos: de peito, picado, sobre a cabeça e ombro -Lançamento em suspensão e na passada em ambos os lados -Defender o seu jogador individualmente e dando ajuda em campo inteiro -Jogo 5X5 formal

Voleibol	-Passe em toque de dedos e manchete -Jogo reduzido 2X2 -Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Passe em toque de dedos, manchete, e serviço por baixo -Jogo reduzido 4X4 -Aplicar as regras básicas do jogo	-Passe em toque de dedos, manchete, serviço por cima e remate -Jogo formal 6X6
Futebol	-Controlo de bola com o pé dominante -Remate sem corrida com o pé dominante -Reposição com as mãos da linha lateral -Jogo reduzido 3X3 -Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Controlo e drible de bola com o pé dominante -Remate sem corrida com ambos os pés -Cabeceamento em apoio -Técnicas de guarda-redes com as mãos -Jogo reduzido 5X5 -Aplicar as regras básicas do jogo	-Controlo e drible de bola com ambos os pés -Remate em corrida com ambos os pés -Cabeceamento em suspensão -Técnicas de guarda-redes com mãos e pés -Jogo formal 7X7
Râguebi	-Passe com as mãos	-Passe com as mãos e com os pés	

	-Jogo: Bitoque de 3X3 -Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Jogo: Bitoque de 5X5 -Aplicar as regras básicas do jogo	-Jogo: Bitoque de 7X7
Badminton	-Manter-se na posição fundamental -Serviço, <i>clear</i> e <i>lob</i> -Jogo singulares em campo reduzido -Compreender e aplicar as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Manter-se na posição fundamental e deslocar-se corretamente -Serviço, <i>clear</i>, <i>lob</i>, e <i>amorti</i> Jogo singulares	-Serviço, <i>clear</i>, <i>lob</i>, <i>amorti</i>, <i>drive</i> e remate -Jogo singulares e pares
Futebol Americano	-Passe e recepção -Jogo “<i>tag</i>” com bola	-Passe, recepção e <i>punting</i> -Jogo “<i>flag</i>” 5X5 aplicando os conceitos de “<i>downs</i>”	-Jogo “<i>flag</i>” 7X7 aplicando os conceitos de “<i>downs</i>” e “jardas”

	-Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Aplicar as regras básicas do jogo	
Beisebol	-<i>Pitch</i> e <i>bat</i> com bola <i>wiffle</i> -Compreender as regras básicas do jogo -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-<i>Pitch</i> e <i>bat</i> com bola de softball -Jogo formal 9X9 apenas com <i>in and outfield</i> definidos -Aplicar as regras básicas do jogo	-<i>Pitch</i> e <i>bat</i> com bola de beisebol -Jogo formal 9X9 com todas as posições definidas
Atletismo	-Técnica de lançamento do peso frontal -Técnica de salto em altura de tesoura -Prova de 100m -Conhecer a história da modalidade e as suas origens	-Técnica de lançamento do peso a partir de uma posição lateral -Técnica de salto em altura com rolamento ventral -Prova de 200m -Prova de estafetas 4X100m	-Técnica de lançamento do peso com deslize -Técnica de salto em altura “<i>fosbury flop</i>” -Partida de blocos -Prova de 400m -Prova de estafetas 4X100m

Quadro 3 – Objectivos por ano para MS

Segue um quadro com as matérias do currículo BASIS para o MS, e quando me foi atribuído lecioná-las. Esta planificação foi feita da seguinte forma:

5 a 30 de agosto	Para este período, solicitei que para mim, fosse deixado em branco em termos de necessidade de material.
2 a 27 de setembro	Basquetebol
7 a 31 de outubro	Voleibol
1 a 29 de novembro	Futebol
2 de dezembro a 17 de janeiro	Râguebi
3 a 28 de fevereiro	Badminton
2 a 27 de março	Futebol Americano
30 de março a 24 de abril	Beisebol
27 de abril a 22 de maio	Atletismo
A ser ensinada em dias em que o ginásio esteve ocupado com atividades não relacionadas com a EF	<i>Wellness week</i>

Quadro 4 – Matérias e calendarização

Como se pode observar no quadro 4, não foi designado nenhum período para se fazer a AI. A escola não tinha nenhum protocolo, e o que se decidiu foi que cada professor faria a sua por matéria, e no início da lecionação da mesma. Com as condicionantes acima referidas, o prognosticar e identificar prioridades, o definir de como planear o progresso e o produto foram condicionados pois não pude escolher quando lecionar as matérias, tornando-se impossível estabelecer uma lógica de planeamento anual semelhante ao que fiz em todos os outros anos da minha carreira. E este foi o paradigma de início de ano letivo: como ser fiel às minhas convicções e ao que aprendi na minha formação inicial e desenvolvi no desempenho da minha atividade profissional, mas adaptando-me à realidade e às necessidades da minha escola? E as questões sobre as quais refleti nesta fase foram:

- Como fazer uma avaliação inicial por forma a identificar o nível dos alunos?
- Como processar a informação sobre o nível dos alunos e planear o seu progresso?
- Como definir objetivos para os alunos?
- Como “contornar” as limitações de material por forma a ensinar o mais possível por matérias?

1.2.2– A Avaliação Inicial

Segundo Carvalho (1994) esta etapa tem como objetivo essencial a marcação de compromissos, rotinas e estilos de interação. Na impossibilidade de a realizar como sempre o fiz ao longo da minha carreira, decidi em sintonia com o resto do departamento, fazer a AI de cada matéria quando me fosse possível lecioná-la pela primeira vez. Como referi anteriormente, no período de 5 a 30 de agosto, informei que pretendia não ter material atribuído. A razão foi preferir iniciar o ano letivo com duas semanas em que os meus objetivos foram ensinar às turmas o aquecimento geral para o semestre sobre o qual falarei mais à frente, e também realizar com os alunos jogos pré-desportivos.

Na terceira semana, fiz a avaliação inicial da condição física. Para tal utilizei quatro testes do protocolo *FitnessGram* do instituto *Cooper*. Era minha intenção avaliar o progresso nesta área aplicando os mesmos testes mais duas vezes, uma na última semana de aulas antes da interrupção para o inverno, e outra no fim de abril. No entanto só o apliquei de novo em dezembro. Em abril já não estava fisicamente na escola. Da bateria de testes, selecionei os seguintes:

- *Pacer* de 20 metros (vaivém). Este mede a aptidão aeróbia através de um teste de corrida em que existe um aumento progressivo do ritmo. Os alunos têm de percorrer 20 metros, aguardar até ouvirem um *beep*, percorrer mais 20 metros, e assim sucessivamente até receberem dois avisos de incumprimento ou desistirem. Com o avançar do teste, o tempo entre *beeps* vai sendo menor. Regista-se o número de percursos de que o aluno conseguiu realizar.
- *Push-up* (flexão de braços). Este mede a força dos membros superiores. Os alunos fazem flexões de braços a 90 graus ao ritmo dos *beeps*. O teste termina para o aluno quando este não conseguir realizar uma flexão corretamente. Regista-se o número máximo de flexões corretamente realizados por aluno.
- *Curl up* (abdominais). Este mede força abdominal e resistência. Os alunos elevam o tronco ao ritmo dos *beeps* num tapete com marcas. Os dedos das mãos começam na marca de trás, e em cada *curl-up*, os dedos devem tocar na marca da frente. O teste termina para o aluno quando este não conseguir realizar um *Curl up* corretamente.

- *Back-saver sit and reach* (senta e alcança). Este mede a flexibilidade dos membros inferiores. Os alunos, na posição sentado e com uma perna fletida, tentam chegar com uma mão em cima da outra o mais longe possível. O teste é feito nos dois membros inferiores.

A razão pela qual apenas realizei quatro testes foi a de que com aulas de 50 minutos e com 25 alunos por turma seria muito dispendioso em termos de tempo realizar mais que estes. Através deles, foi-me possível recolher a informação necessária em termos de aptidão aeróbia e neuromuscular. Não pude recolher informação relativa à composição corporal, por este ter sido considerado um tema sensível e a evitar.

Para se definirem objetivos, foi feito o tratamento dos dados recolhidos para todo o MS sendo os resultados apresentados médias por ano:

<i>FitnessGram</i> - 1ª aplicação do teste							
6º ano							
Pacer		Push up		Curl up		Sit and reach	
Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes
12	16	2	6	11	19	33	17
7º ano							
14	16	2	10	19	24	31	15
8º ano							
17	22	4	12	25	27	30	15

Quadro 5 – Resultados *FitnessGram*

Em termos gerais, posso afirmar que a condição física geral dos alunos do MS era baixa e este um indicador claro de que até então, estes alunos não tinham tido uma prática regular de trabalho de resistência e força. Utilizo como termo de comparação os resultados dos meus alunos em Lisboa, admitindo que esta comparação é empírica e nada científica. Apesar de não ter aplicado nenhum teste relacionado com a composição corporal, a RPC tem um índice relativamente baixo de pessoas consideradas obesas. De acordo com, por exemplo o site da *Central Intelligence Agency* (CIA), a China aparece no lugar 169 num ranking de 192 países. Esta informação recolhida em 2016 refere que a taxa de incidência é de apenas 6.20%. A título informativo, refiro que no mesmo

ranking, Portugal está no 95º posto com uma taxa de incidência de 20.80%, e os Estados Unidos no 12º posto com uma taxa de 36.20%. Nas minhas turmas, e “julgando o livro pela capa” fiquei convencido de que a esmagadora maioria dos alunos teria um índice de massa corporal entre os 18,5 e os 25, ou seja, normal. Também fiquei convencido de que não tive nenhum aluno acima dos 30, ou seja, obeso, Apenas dois alunos poderiam estar perto dos 25. Também comparando os resultados com os de Lisboa, os da flexibilidade foram significativamente melhores, em ambos os sexos.

Outro dado de relevo é o facto de os resultados não serem significativamente melhores nos 7º e 8º anos. Apesar de haver uma ligeira tendência de melhoria na resistência e na força com a progressão no ciclo, na flexibilidade constatei o oposto.

O desenvolvimento da condição física, principalmente da resistência e da força foi identificado como fundamental no planeamento para o ano letivo. Sem testes específicos, mas decorrente da minha observação, também considerei o desenvolvimento da coordenação como uma prioridade.

A AI das matérias foi então realizada de uma forma atípica pois prolongou-se no tempo, sendo feita no início da UD em que estava previsto ensinar a matéria. Segue um quadro com os exercícios escolhidos contendo situações de avaliação inspiradas nas condições de realização dos nossos objetivos específicos (Comédias, 2017), e com os critérios para classificar os alunos por matéria em PI's (*performance indicators*/indicadores de performance):

6º ano				
Matéria	Exercícios			PI
Basquetebol	Lançamento em suspensão	Lançamento na passada após passe (peito)	3X3	I= dribla com uma das mãos de forma inconsistente, não realiza defesa individual E= dribla com uma das mãos, lança em apoio, aplica defesa individual em meio campo, entende as fases do jogo

				A=dribla com ambas as mãos, lança em suspensão aplicando BEEEF, lança na passada no lado dominante, aplica defesa individual com ajudas em meio campo
Voleibol	Toque de dedos em grupos de 2 com rede	Toque de dedos e manchete em grupos de 2	2X2	I= Não realiza nem passe em toque de dedos ou manchete E=Passa em toque de dedos maioritariamente sem transporte A=Passa em toque de dedos sem transporte, passa em manchete, entende a rotação em equipa de 2
Futebol	Passe, recepção e remate		3X3	I=Controla de forma inconsistente após receção com o pé dominante E=Passa e recebe de forma inconsistente com o pé dominante, dribla de forma inconsistente com o pé dominante, remata sem corrida e de forma inconsistente com o pé dominante A=Passa e recebe com o pé dominante, dribla com o pé dominante, remata sem corrida com o pé dominante, repõe a bola da linha lateral
Râguebi	Passe com mãos em grupos de 2	Passe com pés em grupos de 2	3X3	I=Não passa, não entende e não é ativo no jogo 3X3

				E=Passa com as mãos, entende e é ativo na fase de ataque do jogo 3X3 A=Entende e é ativo em ambas as fases do jogo 3X3
7º ano				
Basquetebol	Lançamento em suspensão	Lançamento na passada após passe (peito e picado)	3X3	I=Passa de peito de forma inconsistente parado, não realiza defesa individual E= dribla de forma inconsistente com a mão dominante, lança em apoio, passa de peito parado, aplica defesa individual em meio campo de forma inconsistente, entende as fases do jogo A=Dribla com a mão dominante, lança em apoio aplicando BEEF, passa de peito e picado em corrida, lança na passada no lado dominante, aplica defesa individual em meio campo entende as fases do jogo
Voleibol	Toque de dedos em grupos de 2 com rede	Toque de dedos e manchete em grupos de 2	4X4	I= Passa em toque de dedos e manchete de forma inconsistente E=Passa em toque de dedos maioritariamente sem transporte, passa em manchete, serve por baixo A=Passa em toque de dedos sem transporte, passa em manchete,

				serve por baixo, conhece as 4 posições em losango e entende as rotações de posição no 4X4, joga com 3 toques
Futebol	Passe, receção e remate		5X5	I=Passa e recebe com o pé dominante, dribla de forma inconsistente com o pé dominante, remata de forma inconsistente com o pé dominante E= Passa e recebe de forma controlada com o pé dominante, dribla com o pé dominante, remata sem corrida com o pé dominante, cabeceia de forma inconsistente em apoio, realiza técnicas de guarda-redes com as mãos A= Passa com ambos os pés e recebe de forma controlada com o pé dominante, dribla em corrida com o pé dominante, remata sem corrida com ambos os pés, cabeceia em apoio, realiza técnicas de guarda-redes com as mãos, entende posições em jogo 5X5
Râguebi	Passe com mãos em grupos de 2	Passe com pés em grupos de 2	5X5	I=Passa com as mãos, não entende e não é ativo no jogo 5X5 E=Passa com as mãos e os pés, entende e é ativo na fase de ataque do jogo 7X7 A=Entende e é ativo em ambas as fases do jogo 5X5

8º ano				
Basquetebol	Lançamento em suspensão	Lançamento na passada após passe (peito e picado)	Situação de jogo 5X5	I= dribla com a mão dominante, lança em apoio, passa de peito e picado parado, entende as fases do jogo E= dribla com ambas as mãos, lança em apoio aplicando BEEEF, lança na passada num dos lados, passa de peito e picado em corrida de forma inconsistente, aplica defesa individual com ajudas em meio campo, entende as fases do jogo A=dribla com ambas as mãos sem olhar para a bola, lança em suspensão aplicando BEEEF, passa corretamente de peito e picado em movimento, lança na passada em ambos os lados, aplica defesa individual com ajudas em campo inteiro
Voleibol	Toque de dedos em grupos de 2 com rede	Toque de dedos e manchete em grupos de 2	6X6	I=Passa em toque de dedos sem transporte, passa em manchete E=Passa em toque de dedos sem transporte, passa em manchete, serve por baixo, conhece as 6 posições no campo e entende as rotações de posição no 6X6 A=Passa em toque de dedos sem transporte, passa em manchete, serve por cima, remata, conhece as

				6 posições no campo e entende as rotações de posição no 6X6, joga com 3 toques
Futebol	Passe, recepção e remate		7X7	I= Passa e recebe com ambos os pés, dribla com o pé dominante, remata com o pé dominante E= Passa e recebe de forma controlada com ambos os pés, dribla em corrida com ambos o pé dominante, remata em corrida com o pé dominante, cabeceia em apoio, realiza técnicas de guarda-redes com as mãos, entende posições em jogo 7X7 A=Dribla em corrida com ambos os pés, remata em corrida com ambos os pés, cabeceia em suspensão, realiza técnicas de guarda-redes com as mãos e pés, entende posições em jogo 7X7
Râguebi	Passe com mãos em grupos de 2	Passe com pés em grupos de 2	7X7	I=Não entende e não é ativo no jogo 7X7 E=Entende e é ativo na fase de ataque do jogo 7X7 A=Entende e é ativo em ambas as fases do jogo 7X7

Quadro 6 – Exercícios em AI. *Performance Indicators* para MS. Legenda: I=Nível Introdutório, E=Nível Elementar, A=Nível Avançado

Por razões relacionadas com a pandemia, não realizei avaliação inicial de mais nenhuma matéria.

Segue um quadro, para as minhas turmas, da informação recolhida:

	Turma 1				Turma 2			
Aluno	Matéria				Matéria			
	Basquetebol	Voleibol	Futebol	Râguebi	Basquetebol	Voleibol	Futebol	Râguebi
1	I	I	I	I	E	I	I	I
2	I	I	I	I	I	I	I	I
3	E	I	I	I	I	I	I	I
4	I	I	I	I	I	I	I	I
5	E	I	I	I	I	I	I	I
6	E	E	I	I	I	I	I	I
7	E	I	I	I	E	I	I	I
8	I	I	I	I	I	I	I	I
9	I	I	I	I	I	I	I	I
10	I	I	I	I	I	I	I	I
11	A	A	E	I	I	I	I	I
12	E	E	I	I	I	I	I	I
13	E	I	I	I	I	I	I	I
14	I	I	I	I	E	I	I	I
15	E	I	I	I	I	I	I	I
16	I	I	I	I	E	E	I	I
17	E	I	I	I	E	I	I	I
18	I	I	I	I	I	I	I	I
19	I	I	I	I	E	I	I	I
20	I	I	I	I	E	E	I	I
21	I	I	I	I	I	I	I	I
22	E	I	I	I	I	I	I	I
23	I	I	I	I	I	I	I	I
24	E	I	I	I	I	I	I	I
25	E	I	I	I	I	I	I	I
	Turma 3				Turma 4			
1	E	E	I	I	I	I	I	I
2	I	I	I	I	I	I	I	I
3	I	I	I	I	I	I	I	I

4	I	I	I	I	E	I	I	I
5	E	E	I	I	E	E	I	I
6	I	I	I	I	I	I	I	I
7	I	I	I	I	I	I	I	I
8	I	I	I	I	I	I	I	I
9	I	I	I	I	E	I	I	I
10	I	I	I	I	I	I	I	I
11	E	I	I	I	E	I	I	I
12	I	I	I	I	E	I	I	I
13	I	I	I	I	I	I	I	I
14	I	I	I	I	I	I	I	I
15	I	I	I	I	I	I	I	I
16	I	I	I	I	I	I	I	I
17	I	I	I	I	I	I	I	I
18	I	I	I	I	I	I	I	I
19	I	I	I	I	I	I	I	I
20	I	I	I	I	E	E	I	I
21	I	I	I	I	I	I	I	I
22	I	I	I	I	I	I	I	I
23	E	I	I	I	I	I	I	I
24	I	I	I	I	E	I	I	I
25	E	E	I	I	I	I	I	I
	Turma 5				Turma 6			
1	I	I	I	I	I	I	I	I
2	I	I	I	I	I	I	I	I
3	I	I	I	I	I	I	I	I
4	I	I	I	I	I	I	I	I
5	E	I	I	I	E	I	I	I
6	I	I	I	I	E	I	I	I
7	I	E	I	I	I	I	I	I
8	I	I	I	I	I	I	I	I
9	I	I	I	I	I	I	I	I
10	I	I	I	I	E	I	I	I
11	I	I	I	I	I	I	I	I
12	I	I	I	I	I	I	I	I

13	I	I	I	I	I	I	I	I
14	I	I	I	I	I	I	I	I
15	I	I	I	I	I	I	I	I
16	E	I	I	I	E	E	I	I
17	I	I	I	I	I	I	I	I
18	I	I	I	I	I	I	I	I
19	I	I	I	I	I	I	I	I
20	I	E	I	I	I	I	I	I
21	-	-	-	-	I	I	I	I
22	I	I	I	I	I	I	I	I
23	E	E	I	I	I	I	I	I
24	I	E	I	I	I	I	I	I
25	I	E	I	I	I	I	I	I

Quadro 7 – Resultados da AI

Os dados recolhidos ao longo dos meses foram sendo uma confirmação do que me foi evidente identificar no início do ano, ainda que julgando o “livro pela capa”: O contacto destes alunos com as estas matérias foi no passado pouco orientado para trabalho técnico-tático, e apenas no basquetebol encontrei um significativo número de alunos que não eram de nível introdutório. Este desporto é um dos mais populares na RPC. É o desporto de eleição quando os alunos estão em atividades sem estrutura, é dos desportos mais transmitidos na televisão, foi na RPC que se realizou o campeonato do mundo FIBA de 2019, e até nas lojas de artigos, é o desporto mais representado em termos de oferta de produtos.

Uma esmagadora maioria dos alunos foi classificada como de nível introdutório em todas as matérias.

No futebol, como referirei à frente, apenas uma aluna foi classificada como de nível elementar.

No râguebi, todos os alunos foram considerados de nível introdutório, aliás, nenhum tinha tido qualquer contacto com a modalidade, e muitos nem sequer tinha conhecimento da sua existência.

No basquetebol, apesar de haver um número, ainda que reduzido de alunos de nível elementar, apenas uma aluna do 6º ano foi classificada como de nível avançado. Esta aluna foi também a única aluna de nível elementar no futebol, também de nível

avanzado no voleibol, sendo uma aluna das mais completas que encontrei na minha carreira. O seu deporte era claramente o basquetebol, mas demonstrou proficiência avanzada nas outras matérias, para além progredir muito rapidamente com base na instrução e feedback. A sua humildade e capacidade de relacionamento eram também dos seus pontos mais fortes. Apesar de estar no 6º ano, já representava a escola nas equipas de US nos desportos de basquetebol, futebol e voleibol.

Concluí que estes alunos necessitavam de trabalho técnico-tático extensivo privilegiando a cooperação e a interdependência (Grineski, 1996) em todas as matérias, e que seria muito importante diferenciar, principalmente ao nível da elaboração de grupos de trabalho em aula.

Concluí também que era irrealista projetar que um número significativo de alunos conseguisse atingir os objetivos de ciclo. Esta seria uma discussão interessante numa fase final do ano letivo, mas nunca chegou a acontecer por questões relacionadas com a pandemia.

1.2.3– Objetivos/Prioridades

Constatando que não era exequível atingir objetivos de ciclo, que objetivos seriam realistas, e como melhor planejar o progresso dos alunos? Nunca na minha carreira tinha sido tão complicado projetar um ano letivo. Não me era possível, no geral, lecionar por matérias, planejar de forma efetiva por etapas e tinha importantes limitações de espaço e material. O primeiro mês de aulas tornou-me convicto que o **desenvolvimento da condição física** era essencial, principalmente em termos de **resistência, força e coordenação**. Colvin et al. (2000) referem que no início de cada ano letivo se devem ensinar ou rever os conceitos básicos de movimento. Concluí que esta recomendação fez mais sentido que em qualquer outro início de ano na minha carreira. Defini também como objetivo trabalhar em contexto de *Wellness Week*, o que é ter um **estilo de vida saudável**, em muito decorrente de se **ser fisicamente ativo**. Hercher (1975) refere que dado que a técnica constitui a base da condução do jogo e que o grau em que é dominada caracteriza a qualidade dos diferentes jogadores e da equipa, ela terá de ser eficaz e variada. Adaptei o conceito para a EF, e defini o **trabalho técnico-tático** de base e variado, essencialmente em cooperação (Grineski) como uma das prioridades no ensino das matérias, com muito trabalho de progressão (Siedentop e Tannehill, 2000), visto este ser fundamental para a

percepção por parte dos alunos do que iriam aprender. Finalmente, considerei essenciais também o **fair-play** e a **interação social**, visto serem parte fulcral do protocolo de avaliação tal como descrito mais à frente. Concluí também que a elaboração de grupos nas aulas seria um fator essencial para a evolução dos alunos. Guskey (2005) refere que o professor deve ter presente as diferenças individuais nos intervenientes e adaptar o ensino em função dessas diferenças. A diferenciação, que julguei muito necessária, ocorreu com grupos elaborados com os seguintes critérios: por nível semelhante, tentando que os grupos fossem o mais homogêneos possível, e o oposto, colocando juntos alunos de nível diferente, por forma a que os mais avançados pudessem participar ativamente nas aprendizagens dos alunos menos avançados, ou que progrediram mais lentamente. Os grupos foram frequentemente alterados com base nestes critérios, e com base no progresso, consoante as minhas observações.

Numa perspetiva mais abrangente, um professor não pode nem deve ignorar que cada aula e cada interação com um aluno terá um efeito na sua formação. “Educação é aquilo que fica depois de se esquecer tudo que se aprendeu na escola” (Einstein, 1936). Incluí esta frase na epígrafe deste relatório, pois para além de refletir a minha postura enquanto “aluno para a vida”, tem significado em qualquer disciplina. A EF não é exceção. É fundamental que se ensine um gosto pela atividade física que permaneça no aluno para além da sua vida escolar. Na perspetiva de contribuir para que os alunos sejam ativos e saudáveis na sua vida adulta, é crucial ensinar o porquê desta importância através de uma prática estruturada e divertida, mas que assente também em conceitos teóricos que permitam aos alunos aprender os efeitos fisiológicos que uma prática regular tem no ser humano. Este foi também um objetivo, concretizável na planificação de aulas práticas e teóricas.

1.2.4– Unidades Didáticas

As UD tiveram uma duração aproximada de um mês, tal como definido pelo DEF. O número de aulas foi em média de 12 por unidade, sendo que em praticamente todas, pelo menos uma teve de ser fora do ginásio. Pelo menos uma vez por mês, ocorreram atividades no ginásio não relacionadas com a EF, e nesses dias, as aulas foram lecionadas numa sala de aula que não de EF. Exemplos para este impedimento de utilizar o espaço original incluíram o concerto de Natal, a casa assombrada do *Halloween*, três

peças de teatro e várias cerimónias de entrega de prémios. Nestes dias, o ginásio transformou-se numa “sala de gala” e o preparar da mesma impossibilitou a realização de aulas. Nestas, e como descreverei à frente, foram lecionadas aulas teóricas onde ensinei temas da *Wellness Week*, e a história e origem dos desportos que compunham o currículo.

A escola tinha uma orientação para que no início de cada aula, no geral das disciplinas, os alunos escrevessem nos seus *CJ's* os objetivos da mesma. Este procedimento era pouco prático na EF, pois perdia-se muito tempo entre o escrever e o arrumar deste material. Depois de consultar a diretora do ciclo, e com a sua concordância, fi-lo apenas na primeira aula de cada semana. Tentei, nas semanas que não a primeira de cada UD, cingir-me a vocabulário e ao identificar de dificuldades e sucessos e à avaliação formativa. No entanto, na primeira aula de cada UD preparei sempre uma breve introdução à matéria que continha um pouco da sua história, importância no contexto mundial, e explicitiei quais os objetivos gerais a atingir.

No meu planeamento e aplicação do mesmo, segui as recomendações de Siedentop (1998) relativas à forma como a atividade deve ser planeada e apresentada aos alunos, com ênfase nas questões essenciais, na escolha de uma linguagem entusiástica e assertiva nos pontos-chave, com demonstrações adequadas e seguida de um acompanhamento efetivo antes, durante e após o exercício. Apesar de presentes em toda a UD, estas recomendações nortearam o início das mesmas. Recorrentemente disse aos alunos que no início da UD lhes mostrava o “mapa do tesouro”, competindo a todos nós “percorrer o caminho” até ele.

As três primeiras aulas da UD foram sempre de avaliação inicial da matéria, e nessas, somente se trabalhou a matéria em questão.

Nas oito seguintes, as minhas unidades contemplaram principalmente o trabalho da referida matéria, mas não só, e foram estruturadas maioritariamente por estações. Na maioria das aulas, duas estações foram referentes à matéria, sendo uma com situações de aprendizagem de ações técnico-táticas excluindo jogo, e outra em jogo reduzido, mas com objetivos semelhantes. A terceira estação foi de desenvolvimento da atividade física na primeira e terceira aulas da semana, e de introdução de uma outra matéria na segunda. Assim, em dois terços das aulas da semana, trabalhou-se especificamente a condição física, obviamente esta também sendo trabalhada de forma indireta nas outras estações. A estrutura típica desta estação contemplou um circuito que normalmente incluiu trabalho

de resistência com exercícios como jogging e salto à corda, trabalho de força, com exercícios como por exemplo flexões de braços, *curl-up's*, pranchas, etc.

As aulas, depois do briefing inicial, incluíram um aquecimento. A sua estrutura, incluiu uma parte de mobilização geral e dinâmica, que foi sempre semelhante durante a primeira metade do ano, e seria alterada para a segunda. Tal não chegou a acontecer. A razão para ser sempre semelhante prendeu-se com o objetivo de os alunos poderem realizá-la autonomamente, e sem supervisão ativa. Este facto permitiu-me ter tempo para dar instrução individual e responder a questões individuais, sendo que estes alunos fariam à posteriori o seu aquecimento por si. A segunda parte do aquecimento foi geralmente específica da(s) matéria(as) a trabalhar na aula, sendo maioritariamente de natureza dinâmica e balística. As aulas terminaram sempre com um período de retorno à calma, onde também me foi possível fazer balanços da mesma, e colocar/responder a questões dos alunos.

Exceto nas aulas em que o ensino foi massivo, os alunos foram divididos em grupos de trabalho com o objetivo de poder diferenciar o trabalho nos mesmos. Heacox (2006) refere que as salas de aula diferenciadas refletem o diagnóstico consciencioso do professor sobre as necessidades de aprendizagem dos seus alunos e o planeamento adequado das atividades e dos projetos que se dirigem à satisfação dessas necessidades. Com o decorrer das unidades, ajustei a composição dos grupos de acordo com a evolução dos alunos. Os grupos foram ajustados com a escolha de diferentes alunos, mas também no seu número total. Houve uma evolução progressiva no número de participantes por grupo, por forma a promover aprendizagens consistentes e com significado, potenciando também a inclusão (Metzler, 2000).

As três últimas aulas de cada unidade foram de consolidação e avaliação sumativa, com uma estrutura mais de trabalho massivo e centradas na matéria principal.

O cenário que acabei de descrever foi de uma UD típica e com a configuração que mais utilizei. Ocorreram também aulas em que o ensino foi essencialmente massivo, sem grupos ou estações. O número de aulas com estas características foi claramente minoritário.

Um dos sucessos a celebrar, e a identificar no balanço, foi a gestão do tempo útil de aula, apesar de ter sido também uma das maiores dificuldades no início do ano letivo. Pelas limitações físicas, a escola não tinha balneários. Mas após conversar com colegas de outras escolas BASIS onde estes existiam, aprendi que culturalmente, não se

utilizavam os balneários. Os alunos não trocavam sequer de roupa, e utilizavam o que traziam de casa. Foi para mim uma surpresa, e este facto limitou bastante o abordar de questões relacionadas com higiene pessoal, especialmente após a prática de atividade física, nomeadamente em contexto escolar. Apesar deste aspeto ser maioritariamente negativo, teve a vantagem de os alunos não se atrasarem para a aula. Os 50 minutos da mesma podiam ser aproveitados ao máximo, já que pela mesma razão, os alunos seguiriam imediatamente para a sua próxima aula. A parte introdutória da aula normalmente ocupou cinco a sete minutos, e o aquecimento aproximadamente outros sete. Ficavam cerca de 33 para a parte fundamental da aula, com cerca de 11 para cada estação, sobrando cerca de cinco para a parte final da aula. Isto para as aulas organizadas por estações, que como referi, foram a esmagadora maioria.

1.3– Avaliação

1.3.1- Avaliação Sumativa

Fernandes (2004), refere que a avaliação é todo e qualquer processo deliberado e sistemático de recolha de informação, mais ou menos participado e interativo, mais ou menos negociado, mais ou menos contextualizado, acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer numa diversidade de situações. Siedentop e Tannehill reforçam que a avaliação serve para recolher informação útil e fiável, de modo a que se possa promover uma melhora de performance. Para estes autores, esta é mais fiável se corresponder ao que realmente aconteceu. A escola teve para a EF um protocolo de avaliação sumativa cujos parâmetros privilegiaram um contexto onde me foi possível avaliar o que os alunos foram capazes de fazer em termos de esforço, de fair-play e de interação social, Na impossibilidade, por razões de confidencialidade de me referir aos parâmetros tal como eles estavam escritos, tentarei descrever por outras palavras aquilo que interpretei das orientações que recebi. O protocolo previa a avaliação dos seguintes três parâmetros, cada um com uma ponderação de 33.3% da nota de cada GP:

Participação/Esforço	Este parâmetro avaliava fundamentalmente o empenho e os níveis de participação e esforço demonstrados em contexto de aula
-----------------------------	---

Fair-Play	Este parâmetro avaliava a capacidade dos alunos de demonstrar o seu grau de entendimento do que é competir de uma forma ética e saudável, respeitando os colegas, adversários e árbitros, e senso de justiça
Interações Sociais	Este parâmetro avaliava as relações sociais que advêm da prática desportiva em contexto de aula de EF, como a capacidade de trabalhar de uma forma produtiva e com entreajuda com qualquer colega, o respeito e a compreensão e aceitação dos erros dos outros, e o cumprimento de regras incluindo de segurança

Quadro 8 – Avaliação Sumativa - Parâmetros

Este protocolo constituiu outro enorme desafio enquanto professor neste ano letivo. Nele encontrei características que me obrigaram a realizar uma avaliação sumativa como nunca o tinha feito, visto os parâmetros serem fundamentalmente subjetivos e muito indiretamente relacionáveis com as matérias. A maior prendeu-se com o facto de não haver uma avaliação efetiva do nível e do progresso dos alunos nas matérias, e com conteúdo não relacionável com os objetivos (Siedentop), o que também contaria o defendido por Guskey que defende que a avaliação em sala de aula deve medir de uma forma efetiva as aprendizagens dos alunos. A informação recolhida através deste protocolo foi fiável, e espelha o que se passou, mas circunscreve-se aos parâmetros acima descritos. Este facto, na minha opinião, também tornou menos relevante o estabelecer de objetivos de ciclo. Compreendo o argumento de que um aluno que participe e se esforce mais tem maiores probabilidades de evoluir na matéria, mas discordo de que a avaliação em EF exclua indicadores de performance e objetivos por matéria. Estando habituado a criar rúbricas por UD, partilhando-as no início para que os alunos tenham conhecimento prévio dos objetivos e como serão avaliados, foi para mim um desafio avaliar de forma sumativa.

Fundamentalmente, para que os alunos entendessem aquilo que eram as expectativas e os critérios de êxito, utilizei as rúbricas abaixo compiladas:

Participação/Esforço
<u>Critérios:</u>

1. Está preparado para a aula em termos de material
2. É pontual
3. Demonstra participar ativamente nas aulas
4. Tenta o seu melhor
5. Demonstra níveis de participação e esforço independentemente das suas preferências pelas atividades em aula

Níveis de performance:

1. Demonstra **excelência**, sendo um exemplo para os colegas: 90-100%
2. Demonstra **proficiência**, cumprindo de uma forma consistente: 80-89%
3. Em **desenvolvimento**. Cumprindo, mas com inconsistências: 70-79%
4. Demonstra um nível **básico**, em cumpre o mínimo expectável: 60-69%
5. **Não proficiente** nas suas ações 0-59%

Fair-Play

Critérios:

1. Compreende e aplica as regras dos desportos praticados na aula
2. Demonstra comportamentos adequados nas situações de ganhador e perdedor quando num cenário competitivo
3. Demonstra compreender o porquê de o professor diferenciar por grupos e exibe a melhor versão de si mesmo, independentemente do grupo em que se encontra inserido
4. Demonstra respeito pelas decisões dos árbitros

Níveis de performance:

1. Demonstra **excelência**, sendo um exemplo para os colegas: 90-100%
2. Demonstra **proficiência**, cumprindo de uma forma consistente: 80-89%
3. Em **desenvolvimento**. Cumprindo, mas com inconsistências: 70-79%
4. Demonstra um nível **básico**, em cumpre o mínimo expectável: 60-69%
5. **Não proficiente** nas suas ações 0-59%

Interações Sociais

Critérios:

1. Demonstra entreaajuda e capacidade de cooperar de uma forma produtiva com qualquer colega

2. Demonstra liderança
3. Lida de uma forma positiva e construtiva com os erros dos colegas
4. Compreende e cumpre as regras de funcionamento da aula incluído as de segurança
5. Compreende e respeita as especificidades do ginásio, nomeadamente as suas regras de utilização

Níveis de performance:

1. Demonstra **excelência**, sendo um exemplo para os colegas: 90-100%
2. Demonstra **proficiência**, cumprindo de uma forma consistente: 80-89%
3. Em **desenvolvimento**. Cumprindo, mas com inconsistências: 70-79%
4. Demonstra um nível **básico**, em cumpre o mínimo expectável: 60-69%
5. **Não proficiente** nas suas ações 0-59%

Quadro 9 – Compilação de rúbricas de avaliação

O programa informático utilizado para inserção e cálculo da avaliação foi o *PowerSchool*. Os parâmetros estavam previamente definidos em categorias, e ao professor restava inserir uma nota de 1 a 10 por semana, para que o programa calculasse a nota do GP em percentagem, e consequentemente a final de ano.

Neste cenário, a avaliação formativa teve um papel ainda mais fundamental no progresso dos alunos nas matérias.

1.3.2- Avaliação Formativa

“As perspetivas atuais de avaliação solicitam que a avaliação seja eminentemente de carácter formativo, mesmo quando tem uma função sumativa (Black & Williams, 1998).

A preponderância da avaliação formativa foi significativamente maior do que num contexto em que a sumativa avaliasse objetivamente as aprendizagens dos alunos nas matérias. Cedo na minha carreira, aprendi o valor de avaliar formativamente. É neste tipo de avaliação que o processo ensino-aprendizagem é consolidado. É através dela que se diagnostica e prognostica, e é nela que é mais relevante atribuir aos alunos um papel

de “condutor no veículo” que são as suas aprendizagens. Segundo Carvalho, este é o processo que nos permite recolher as informações necessárias à orientação, regulação e controlo da aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, e que permite “recolher com o rigor (pedagógico) e a objetividade possíveis informações que fundamentem as decisões pedagógicas.” Perrenoud (1993) refere que é crucial fazer a articulação necessária entre a avaliação formativa e a diferenciação do ensino. Esta análise e estas decisões permitiram-me diferenciar o ensino através da criação de grupos ora homogéneos ora heterogéneos, e também com a criação de situações de aprendizagem específicas para um aluno ou para um grupo de alunos. Comédias refere que quando se avalia nos Jogos Desportivos Coletivos, pode-se situar cada aluno e o próprio jogo em cada um dos três níveis em que se diferencia o tratamento da matéria. Se houver consistência nos dados recolhidos, constitui informação muito relevante saber se um aluno deve aprender o programa de nível introdução ou o de nível elementar, ou saber qual é o nível de jogo em que maioritariamente se situa o conjunto de alunos de uma turma, de uma escola ou de uma região. Em todas as unidades, reuni com cada aluno três vezes após a AI, sendo esta um instrumento fundamental para a avaliação formativa. Uma no início da unidade, outra sensivelmente a meio, e uma no final para balanço. No início informei os alunos do nível em que eles tinham sido classificados na avaliação inicial, bem como qual seria o nível que prognostiquei para o fim da unidade. Aproximadamente a meio, discuti com os alunos se o processo estava a decorrer de acordo com a previsão, identificando sucessos e dificuldades. No final, discuti com os alunos o grau de sucesso na unidade, identificando também o que numa perspetiva lógica seria a progressão num próximo contacto com a matéria.

1.4– *Wellness Week*

A *Wellness Week*, é parte integrante e obrigatória do currículo BASIS. Em teoria, deve ser uma semana sem aulas práticas de EF, lecionada numa sala de aula que não a da nossa disciplina, e contempla compreender e interpretar os seguintes tópicos:

- As vantagens de se ser fisicamente ativo
- O que é composição corporal
- Como prevenir lesões

- Aas vantagens de se ter uma alimentação saudável
- Hábitos de higiene

Esta unidade, transversal a todos os anos de ensino do 1º ano para cima, devia ter sido lecionada em uma semana de uma forma intensiva de acordo com a aplicação BeLa. No entanto, na nossa escola nunca o foi. Em reunião de DEF, foi-me explicado no início do ano letivo que deveríamos utilizar as muitas aulas em que não teríamos acesso ao ginásio para ensinar estes temas. E de facto, esta decisão fez sentido. Porquê desperdiçar a utilização do ginásio quando disponível, se em inúmeras situações teríamos mesmo de utilizar uma sala de aula que não o ginásio? Como referi anteriormente, derivado à realização de eventos com concertos, peças de teatro, cerimónias de entrega de prémios e outras, tive com frequência de lecionar na sala 4.06 do quarto andar da BISZ. Ao longo dos anos, os alunos habituaram-se a ter este tipo de aulas, e não foi de maneira nenhuma um constrangimento. Estas aulas contribuíram de forma significativa para os alunos se tornarem pessoas mais bem educadas no contexto das atividades físicas, pois de acordo como o definido por Mohnsen, o conteúdo das mesmas complementou as aprendizagens nas matérias em aula em sala de EF. Aqui ensinaram-se as implicações e os benefícios de se estar envolvido numa prática regular, e o contributo que esta prática tem para um estilo de vida saudável.

Lecionei estes temas do currículo pela ordem prevista, tendo os três primeiros sido lecionados na escola e os dois últimos em ensino à distância.

A avaliação desta unidade foi formativa, sendo a informação necessária recolhida em contexto de discussão em sala de aula, após instrução da minha parte, e de pesquisa individual e em grupos por parte dos alunos.

1.5– Ensino à Distância

1.5.1- Contextualização

Foi no início da interrupção letiva para celebração do novo ano chinês que foi anunciado que as escolas não reabririam no final da mesma. Esta interrupção é a que mais significado tem no país e durante a qual mais cidadãos utilizam os seus dias de férias. Uma expressão que os meus colegas repetidamente utilizaram nunca mais por mim será

esquecida: “durante o ano novo chinês dá-se a maior migração do planeta.” Centenas de milhões de pessoas deixam temporariamente o local onde trabalham, principalmente para se reunirem com familiares. No nosso caso, também viajámos, saindo do país a 17 de janeiro. É uma data marcante para nós visto que este foi efetivamente o último dia em que estivemos fisicamente na RPC até hoje. Antes de partirmos, já muito se discutia o efeito que poderia ter nas nossas vidas o facto de se ter identificado um novo vírus, com características muito semelhantes às do SARS de 2002/2003. Estando no país mais afetado na altura, e mais especificamente numa das regiões onde mais pessoas foram infetadas, este era um tema sensível e de primeira página. No início de janeiro já muito se discutia o crescente número de casos na cidade de *Wuhan*, e corria o rumor de que já havia um número significativo de casos na nossa vizinha *Hong Kong*. Ao fim de três dias de estadia no nosso destino, foi anunciado pelas autoridades chinesas um confinamento que incluiu a não reabertura das escolas a 3 de fevereiro, tal como inicialmente previsto. A 29 de Janeiro, as agências noticiosas de todo o mundo anunciaram que o número de pessoas infetadas pelo novo vírus já era superior ao total de casos da pandemia de 2002/2003. Por receio do que se estava a passar no país e também pelo facto de as escolas se encontrarem encerradas, adiámos o nosso regresso. Este regresso foi sendo sucessivamente adiado até que se tornou impossível voltar, visto que a RPC fechou as suas fronteiras. Ensinei então *online* até ao fim do ano letivo.

No início, houve uma grande discrepância nas medidas tomadas pelas escolas públicas e pelas privadas, nomeadamente pelas internacionais. Nestas, o sentimento de urgência de um retomar, ainda que no mundo virtual, sobrepôs-se às poucas orientações que vinham do *Bureau of Education*, que é a entidade oficial da província responsável pela área da Educação. As aulas na BISZ recomeçaram na data prevista, mas já num contexto de ensino à distância.

Este período de ensino à distância não pode ser considerado como um todo. Por ter sido inesperado, teve um início turbulento, e por ter sido longo, teve diferentes fases que refletiram uma adaptação progressiva a esta nova realidade. A minha interpretação é a de que existiram na nossa escola quatro fases distintas: uma primeira em que no imediato foi pedido aos professores de EF que providenciassem aos alunos por email conteúdos em formato PDF com os quais os eles pudessem aprender de uma forma completamente autónoma, uma segunda em que vídeos substituíram os PDF's, uma

terceira com aulas em tempo real mas com os alunos em casa e uma quarta com aulas em tempo real mas com os alunos fisicamente na escola.

1.5.2- As Quatro Diferentes Fases

A Primeira Fase

A primeira fase deste período de ensino à distância, que durou de 3 a 14 de fevereiro, pode descrever-se essencialmente como um improviso. A decisão de confinar durante o período de pausa letiva não foi prevista por ninguém, dentro ou fora da escola. Inclusive, nem nas notícias locais alguma vez se discutiu esta possibilidade. Foi uma completa surpresa, e a administração da escola foi célere em comunicar com os professores que a 3 de fevereiro, a escola teria de funcionar, ao contrário do ia acontecer nas escolas públicas do país.

Foram marcadas várias reuniões online, umas gerais, outras de EF lideradas pelos coordenadores de ciclo. Para a EF, foi decidido que os professores deveriam criar planos de aula fáceis de seguir pelos alunos e num formato pequeno o suficiente para ser enviado por email. Nesta fase, os professores de cada ciclo reuniram-se e criaram planos de aula em PDF por ciclo, sem diferenciação dos exercícios, mas com diferenciação no volume e na intensidade e densidade do esforço. Decidimos utilizar exercícios com os quais os alunos estavam perfeitamente familiarizados, com uma sequência fácil de seguir, e que não excedesse os 20 minutos por aula. Os planos enviados contemplaram resistência aeróbia com corrida no mesmo lugar e saltos; força, com sequências de exercícios regularmente executados em aula como por exemplo flexões de braços, abdominais, *lunges*, pranchas; e flexibilidade.

Durante este período não houve nenhum tipo de interação com os alunos e estes não foram avaliados. Foram realizadas várias reuniões em que se discutiu como se poderia fazê-lo, e como tornar as aulas mais interessantes para os alunos.

A Segunda Fase

A segunda fase, que decorreu entre 17 de fevereiro e 13 de março caracterizou-se com o regresso à interação com os alunos e com a reintrodução do processo de avaliação.

A escola começou a utilizar a plataforma *Teams* da *Microsoft* e foi decidido que os professores de EF teriam que gravar vídeos com exercícios que os alunos pudessem seguir. Foram-nos fornecidos tutoriais de como gravar, e de como comprimir ficheiros. Os primeiros dias foram desafiantes. Com o país mais populoso do mundo completamente confinado, começaram os primeiros problemas técnicos por limitações de acesso à rede. Vários alunos se queixaram de não conseguirem fazer o *download* dos vídeos, e ainda mais de não conseguirem devolver vídeos deles próprios em atividade.

Por decisão da administração da escola, durante esta fase, os horários sofreram alterações significativas com o propósito de permitir aos alunos terem o máximo possível de exposição às *core subjects*. O tempo por semana para a EF física foi reduzido para 30 minutos. Nestas duas primeiras fases, o nosso objetivo foi o de que o retrocesso da condição física nos alunos fosse reduzido ao mínimo possível. No formato de vídeo, foi possível diversificar mais os exercícios, pois a exemplificação era mais perceptível. O conteúdo enviado por nós foi muito semelhante ao da primeira fase, mas a parte referente à resistência aeróbia passou a incluir da minha parte coreografias de dança e de ginástica aeróbica.

No que diz respeito à avaliação, esta foi feita de uma forma muito básica e privilegiou-se apenas a participação. Apenas se classificava com a nota máxima, e para os alunos a obterem, necessitavam de enviar um vídeo que ilustrasse a realização de todos os exercícios, podendo ser apenas poucos segundos de cada. Foi muito complicado para muitos alunos devolverem o vídeo. Por norma, estes utilizaram os seus telemóveis e apesar de instruídos para não o fazerem, muitos capturaram as imagens com a resolução máxima, tornando os ficheiros muito grandes. Mas, apesar das muitas dificuldades, os alunos, na sua esmagadora maioria, ainda que com atrasos recorrentes, foram capazes de demonstrar que participaram nas aulas.

A Terceira Fase

A 16 de Março, iniciou-se a terceira fase, que durou até 1 de maio. Tornou-se imperativo retomar o horário normal dos alunos, e as aulas começaram a ser ao vivo.

Estando já de volta a Portugal, e por causa da diferença horária, o meu horário de trabalho foi da meia noite até às 8h15 da manhã. Foi bastante desafiante a nível pessoal. Por norma, fui dormir por volta das 20 horas, para acordar às 23h30. Em três dos cinco dias da semana, dormi ou tentei dormir mais uma hora e meia num “furo” no horário, e depois de as aulas terminarem, voltei a dormir mais três/quatro horas até à hora de almoço. Em vários dias, ocorreram reuniões no fim do dia de escola, o que tornou os dias, no meu caso as noites, ainda mais longos.

Os alunos voltaram então a ter EF três vezes por semana. O desenvolvimento da condição física continuou a ser a prioridade, tal como definido pelo DEF. Acresceu o facto de se ter decidido que em uma das aulas da semana, haveria lugar a uma prática que incidisse nas aprendizagens relativas às matérias. Nesta fase, a avaliação ainda que restringida ao parâmetro Participação/Esforço, voltou a ser quantificável. Os professores avaliaram com base no que observaram.

Para estas aulas utilizei uma organização de aula que contemplou a seguinte estrutura:

- Parte inicial com um aquecimento com exercícios o mais possível semelhantes aos realizados em aula na escola;
- Parte fundamental com uma sequência de exercícios a ser realizada três vezes. Na primeira, realizei os exercícios com os alunos exemplificando. Não havendo dúvidas, nas outras duas pude ficar a observar e tomar notas para avaliar e poder dar feedback;
- Parte final, de retorno à calma, novamente com exercícios na sua maioria familiares para os alunos. Aqui introduzi também exercícios de postura e de equilíbrio.

Na aula em que se abordaram as matérias, nas primeiras três semanas, comecei por não introduzir nada de novo. O foco foram as ações técnico-táticas das matérias referentes às unidades que tínhamos realizado na escola. Ensinei lançamento e passe no basquetebol, passe toque de dedos, manchete e remate no voleibol, passe, cabeceamento, remate e reposição de bola no futebol e passe com mãos e pés no râguebi. No entanto, o ano letivo ia avançando e tornou-se essencial introduzir ações técnico-táticas dos desportos que ainda não tínhamos abordado. E foi o que fiz, introduzindo o *lob*, *amorti*, *drive*, remate e *clear* no badminton; o passe, a receção e o *punt* no futebol americano; o

pitch, o *catch* e o *bat* no beisebol; e o lançamento do peso, o salto em altura e a corrida de 100m no atletismo. Nesta aula, geralmente a terceira da semana, não excedi os 15 minutos para este tipo de trabalho, visto que se tornava monótono pelo facto de ser tão abstrato, e também por pretender trabalhar o mais possível a condição física.

Para estas aulas utilizei uma organização de aula que contemplou a seguinte estrutura:

- Parte inicial com um aquecimento semelhante ao realizado em aula na escola;
- Parte fundamental com uma sequência de exercícios de carácter técnico-tático a ser realizada três vezes. Na primeira, realizei os exercícios com os alunos exemplificando e de forma progressiva. Não havendo dúvidas, nas outras duas pude ficar a observar e tomar notas para avaliar e poder dar feedback; repetição de uma sequência de trabalho de condição física já efetuado nas outras duas aulas;
- Parte final, de retorno à calma e novamente com exercícios familiares para os alunos, também com exercícios posturais e de equilíbrio.

A Quarta Fase

Na RPC, as escolas voltaram a funcionar com ensino presencial para todos os níveis de ensino ainda durante este ano letivo. A situação pandémica na província de *Guangdong* evoluiu de forma muito positiva, e foi possível esta reabertura no início de maio. Este processo foi faseado, e seguiu o sentido inverso do que se passou mais tarde em Portugal: os alunos do HS foram os primeiros a voltar, duas semanas depois voltaram os do MS, e após mais uma semana e meia, os do *Primary*. Os alunos do pré-escolar foram os últimos, e já só nas escolas públicas, visto este regresso ter acontecido após o final do nosso ano letivo. Para mim, esta fase que chamo de quarta, foi também a final. Relembro que o GP5 foi estendido em cerca de um mês com as aulas a terminarem a 26 de junho.

A BISZ, ao contrário de grande número das escolas internacionais do país, tinha conseguido no início de março fazer regressar cerca de 85% dos professores. Até então, a esmagadora maioria estava fora. Por razões familiares, não regressámos antes de as fronteiras fecharem, e por isso, tornou-se impossível estar em *Shenzhen* na reabertura

física da escola. Dos cinco professores de EF, para além de mim, outros dois professores estiveram nesta situação. A administração da escola decidiu que o nosso papel seria planejar aulas e avaliar alunos, encontrando professores substitutos para estarem fisicamente em sala de aula, lecionando com os nossos planos.

Utilizou-se o software *Zoom*, com duas câmaras na sala de aula, conseguindo eu observar os alunos apenas nesses planos. Foi, no entanto, possível ter todos no meu ângulo de visão.

Este regresso à escola teve muitas condicionantes, nomeadamente na nossa disciplina: No ginásio, os alunos tiveram espaço designado, com distância entre eles de pelo menos dois metros, sendo marcada no solo a localização exata em que cada aluno podia utilizar o seu colchão; não foram permitidos deslocamentos com mais que dois passos em qualquer direção; não foi permitida a troca de objetos; e foi obrigatório proceder à desinfecção do tapete no final da aula. O uso de máscara começou por ser obrigatório, tendo deixado de o ser na terceira semana. A partir daqui, passou a ser opcional.

Nas primeiras aulas, fui eu que as comecei explicando os objetivos e os exercícios que iríamos realizar. Cedo concluímos não o deveria fazer, pois implicava a utilização de um projetor e de um sistema de som. Este equipamento estava disponível, mas a sua utilização traduziu-se numa perda de tempo significativa devido ao manuseamento e a problemas técnicos que teimavam em acontecer. Competiu então ao professor substituto lecionar a aula. Apesar de eu estar online, não me foi possível interagir com ele ou com os alunos. Este professor não tinha formação em EF. Este facto tornou ainda mais importante que nos reuníssemos com frequência. Ao domingo, discutíamos os planos para a semana e antecipávamos dificuldades. Todos os dias úteis, no seu final, trocámos mensagens de *Wechat* em que discutimos essencialmente os aspetos das aulas desse dia e onde eu dei o meu feedback. Este consistiu essencialmente em correções a fazer de situações que consegui identificar através da câmara, e em reforço positivo para os alunos (Mohnsen). Competiu depois a este professor transmiti-las aos alunos na aula seguinte.

1.6 – Balanço

Um dos grandes objetivos para esta experiência de ensino, tal como referido na introdução, foi o de aprender e evoluir enquanto professor, nomeadamente enquanto professor da nossa disciplina. Apesar da BISZ ser uma escola internacional tal como a CAISL em Lisboa, as muitas diferenças entre estas tornaram a experiência muito positiva e enriquecedora. Destaco no ano letivo como fundamentais nesta minha aprendizagem as seguintes vicissitudes/características/experiências:

- A impossibilidade de planejar um ano letivo tal como o tinha feito em toda a minha carreira, tendo de me adaptar e ensinar as matérias quase exclusivamente de acordo com a disponibilidade de material. Foi um ensino muito estruturado em blocos e que me colocou fora da minha “área de conforto”
- A realização de uma AI não concentrada num período inicial do ano, mas sim à medida que ensinei as matérias
- A ausência de objetivos exequíveis de ano e ciclo, o que tornou ainda mais essencial a colaboração com o outro professor de MS
- A necessidade de encontrar um equilíbrio entre a EF que considero fundamental ensinar, muito mais centrada nas matérias, e uma EF menos estruturada e muito lúdica a que os alunos estavam habituados
- As características dos alunos, com evidência para as lacunas no passado de trabalho de desenvolvimento da condição física, nomeadamente a resistência, a força e a coordenação, e de ensino das matérias com ênfase em trabalho técnico-tático
- A otimização do tempo útil de aula que considero um sucesso, especialmente a partir do GP2. Durante os treze anos de escolaridade antes desta experiência ensinei em blocos de 90 minutos. Foi um desafio voltar a aulas com aproximadamente 50 minutos.
- O protocolo de avaliação sumativa, com parâmetros demasiado subjetivos e dificilmente relacionável com o currículo
- A realização de formação formativa, dificilmente relacionável com a sumativa.
- O contexto de ensino à distância. Neste período, todos nós tivemos que nos adaptar a uma realidade inesperada, inevitável e desafiante. No meu caso, o período de tempo que esta abrangeu foi em muito superior à maior parte dos

colegas em Portugal, acrescido do facto de trabalhar num fuso horário com 7 e 8 horas de diferença

- O coordenar com colegas em *Shenzhen* aquando do regresso físico dos alunos à escola. Esta situação foi complexa pelo facto de não poder interagir em direto com os alunos, e ter de coordenar com um professor que não de EF que esteve fisicamente com eles
- A interação com os colegas de departamento, que foi bastante positiva. O facto de as formações iniciais e experiências profissionais de todos nós serem muito diversas contribuiu para um clima de aprendizagem mútua, essencialmente ao nível da organização de aulas e escolha de situações de aprendizagem. Observámos muito as aulas uns dos outros filmando algumas, incluindo de outros níveis de ensino. As sessões de *debriefing* foram objetivas e centraram-se em conseguir melhor caracterizar os alunos, e em poder diferenciar mais e melhor o ensino
- O progresso e as aprendizagens para os alunos: defini como prioridades o desenvolvimento da condição física especialmente da resistência, da força e da coordenação. Os resultados do quadro abaixo da segunda aplicação dos testes *FitnessGram* comprovam uma melhoria significativa em praticamente todos os testes. Esta evolução em dezembro traduziu-se em resultados 20 a 40% acima da aplicação dos testes no início do ano letivo, tendo este progresso sido ainda mais óbvio nos alunos que tinham tido resultados muito baixos, como por exemplo apenas 5 percursos no *Pacer* ou 0 flexões no teste *Push up*. Os testes seriam novamente aplicados, onde esperava ainda melhores resultados, mas a pandemia não o permitiu.

<i>FitnessGram</i> - 2ª aplicação do teste							
6º ano							
Pacer		Push up		Curl up		Sit and reach	
Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas	Rapazes
13	19	6	10	19	26	33	19
7º ano							
15	20	7	13	22	29	32	15
8º ano							

19	26	10	14	27	32	29	16
----	----	----	----	----	----	----	----

Quadro 10 – Resultados *FitnessGram* – 2ª aplicação

Através da avaliação formativa e dos resultados da sumativa, posso atestar que houve progresso nas aprendizagens das matérias, e também nos parâmetros de avaliação fair-play e interações sociais. As aulas em contexto teórico também foram um sucesso, tendo os alunos demonstrado ter adquirido conhecimentos que espero, contribuam para que tenham uma vida ativa e saudável no futuro.

Capítulo 2 – Atividades de Complemento Curricular

2.1– Caracterização das Atividades de Complemento Curricular

2.1.1– Contextualização

As ACC têm um papel fundamental na forma como a escola está organizada. Mais de metade dos alunos da escola esteve inscrita em uma ou várias. Estas têm também destaque no como a escola se promove em termos de marketing. Qualquer família que visite a escola com intenções de lá matricular os seus filhos, tem parte do “tour” dedicado a estas atividades. No site da escola, é fácil identificar a oferta, que é de facto impressionante, tendo como objetivo proporcionar aos alunos experiências em clubes da sua preferência e de acordo com as suas aptidões.

Copio na língua original a descrição do que são estas atividades de acordo com o website da escola, descrição que se mantém inalterada desde então:

“BASIS International Schools promotes the idea of an all-round education. Our students are encouraged to join a full range of clubs to cultivate life-long hobbies and get inspiration for their future study. Outside of the classroom, clubs provide our students a great opportunity to dip into the fields of Arts and Humanities, Sports and Competitions, Games and Innovations, Science and Technology, Economics and Finance, Social Practice, etc. Led by professional instructors, club members have the chances to participate in competitions at regional and international level, when they demonstrate outstanding qualifications and magnetic personalities.

2.1.2– Estrutura Geral

A estrutura organizacional das ACC na nossa escola no ano letivo de 2019-20 contemplou cinco categorias:

- Humanidades e Artes
- Desportos
- Jogos Criativos
- Prática Social
- Ciência e Tecnologia

Apesar de serem categorias distintas, os professores responsáveis não tinham de ser especialistas nas respetivas áreas. Como referi na introdução, na categoria de desportos, vários professores que não de EF treinaram equipas desportivas, bem como um professor de EF foi responsável por um clube de edição de vídeo. Exemplos destas atividades incluíram a título de exemplo clube de livro para Humanidades e Artes, equipas desportivas para Desportos, Robótica para Jogos Criativos, serviço comunitário para Prática Social e Biologia para Ciência e Tecnologia para um número de atividades/clubes que excedeu as 50.

Contratualmente, os professores estiveram comprometidos com a obrigatoriedade de serem responsáveis por pelo menos uma atividade/clube. As que implicaram a presença em mais do que um dia da semana contemplaram um pagamento extra para os professores. A maioria das atividades foram pagas pelos encarregados de educação. As de carácter desportivo não o foram, exceto esgrima, visto que os professores responsáveis não eram docentes da escola.

2.2– As Atividades Desportivas

2.2.1 – Contextualização

Considerando cada equipa como uma atividade, a categoria dos desportos foi a que mais contribuiu para o número total. Estas foram distribuídas pelo ano letivo por épocas (*seasons*), e tal como referi na introdução, é possível encontrar semelhanças com o Desporto Escolar em Portugal. Segundo o Programa de DE, (2017-2021), os principais objetivos são a qualificação da oferta desportiva escolar, o incentivo à procura do desporto escolar, o articular da atividade desportiva com a organização escolar e consolidar a gestão do desporto escolar. Os objetivos de oferecer uma prática qualificada, regular, diversificada, e integrada na realidade escolar estão bem presentes nos objetivos que as atividades desportivas têm na BISZ.

2.2.2 – Estrutura

Cada equipa existiu apenas durante a sua época e as épocas duraram cerca três meses cada. Apesar de curtas, estas foram mais longas que uma UD típica de EF, o que

Siedentop (1994) considera importante para um aluno se tornar competente num desporto, entendendo os variados papéis que o compõe: jogador, árbitro, marcador, etc. Os desportos na BISZ estão organizados desta forma com o objetivo de os alunos terem contacto com vários desportos ao longo do ano.

Estas atividades começam a ser praticadas a partir do 3º ano e prolongam-se na vida dos alunos até ao 12º. Para os alunos do *Primary*, os dois escalões (U9 e U11 para alunos com idades abaixo dos 9 e dos 11 respetivamente) incluíram dois treinos semanais e dois encontros por época com escolas da cidade no âmbito da conferência SISAC, a qual descrevo abaixo com mais pormenor. Nestas idades, os encontros tiveram um carácter competitivo, mas os resultados esgotaram-se no dia, não havendo, portanto, uma competição com resultados acumulados. De acordo com o calendário previsto no início do ano, estas equipas com alunos de ambos os sexos em equipas mistas treinaram e competiram com a seguinte calendarização:

- Agosto, setembro e outubro – Basquetebol
- Novembro, dezembro, janeiro e fevereiro – Futebol
- Março, abril e maio – Badminton

A época de basquetebol foi concluída. Devido a questões relacionadas com a pandemia, a de futebol foi interrompida e retomada com um encontro final em junho, e a de badminton não chegou a começar.

Os alunos do MS e UP tiveram épocas coincidentes. Estes grupos etários participaram em três competições distintas:

- Liga interna BASIS. Nesta liga ocorreram dois torneios com as escolas da província. A nossa, a de *Park Lane Harbor* e a de *Guangzhou*.
- Conferência *Pearl River* (<https://pearlriverconference.weebly.com/>). A Pearl River Conference (PRC), que inclui escolas do sul da China principalmente na província de *Guangdong* incluindo as regiões administrativas especiais de Macau e *Hong Kong*, esteve dividida neste ano letivo em quatro divisões. A vermelha, a azul, a verde e a amarela na qual a BISZ esteve inserida. Nesta conferência, compete-se em torneios ao fim de semana e as duas primeiras

equipas de cada divisão jogam uma fase final. Copio aqui na língua original a declaração de missão desta conferência:

The mission of the Pearl River Conference (珠江国际学校协会) is to promote youth development by providing regular, competitive sporting contests in a well-structured environment for students of international schools in the Pearl River Delta area. These competitions will instill in their students and coaches a philosophy of sportsmanship and fair play.

Na *Pearl River* compete-se em US em basquetebol, futebol, voleibol, natação, ténis de mesa, badminton, corta-mato, atletismo, golfe. A nossa escola não participou nas três últimas modalidades referidas.

- Conferência SISAC (<https://sisac.weebly.com/>). A conferência SISAC (*Shenzhen International Schools Athletics Conference*) incluiu neste ano letivo 8 escolas apenas da cidade de Shenzhen nos desportos basquetebol, futebol e voleibol, e teve os escalões definidos em JS (U9 e U11), MS (U14) e HS (U19). Na SISAC, as escolas competem em dias úteis de escola, com uma *final-four* por época.

Para o MS e US, as épocas deste ano letivo ficaram assim inicialmente definidas:

- Setembro, outubro e novembro – Basquetebol masculino e futebol feminino (MS), voleibol masculino e feminino (US) e natação masculino e feminino (MS e US)
- Dezembro, janeiro e fevereiro – Voleibol masculino e feminino (MS), futebol feminino e basquetebol masculino (US) e ténis de mesa masculino e feminino (MS e US)
- Março, abril e maio – Basquetebol feminino e futebol masculino (MS), futebol masculino e basquetebol feminino (US) e Badminton (MS e US)

As equipas desportivas treinaram duas vezes por semana. As modalidades de basquetebol e futebol para US, por serem as com maior tradição na escola tiveram atividade desde setembro até a pandemia ter levado ao seu cancelamento em fim de janeiro. Fora da época treinaram uma vez por semana. Mesmo fora da época, aconteceram encontros com competição para estas.

A pandemia teve forte impacto nesta planificação. A época de setembro, outubro e novembro concluiu-se, mas as seguintes sofreram alterações/cancelamentos significativos. Todas as atividades da época de dezembro, janeiro e fevereiro começaram sem terminar, e as da época de março, abril e maio não chegaram a começar.

2.2.3 – O Coordenador das Atividades Desportivas

As atividades de complemento curricular desportivas foram coordenadas por um professor com formação em EF, sendo o seu cargo denominado de *Athletics Director* (AD). De nacionalidade estado-unidense, este não fez parte integrante do DEF, pertencendo à categoria de administrador. Todas as interações com ele foram no âmbito destas atividades, apesar de com frequência, ele ajudar na EF com questões por exemplo de inventário, e ser também uma presença assídua nos espaços da disciplina. A este professor competiu organizar todas as atividades desportivas de complemento curricular, incluído a calendarização de treinos, jogos e torneios, o material e equipamentos, e também representar a escola em reuniões com AD's de outras escolas e nas reuniões das conferências.

2.3– As Atividades que Eu Liderei

2.3.1– Contextualização

Sendo eu um professor novo na escola, apenas na primeira semana de reuniões antes do ano letivo se começou se discutiu que atividades seriam da minha responsabilidade. Muitas já estavam atribuídas a professores que transitavam de anos anteriores. A minha modalidade de preferência é o basquetebol por ter sido praticante durante 12 anos, por ter feito a especialização na minha formação inicial na Universidade, por ter obtido o curso de treinador da Federação Portuguesa de Basquetebol de 1º nível e por ter sido treinador em contexto de clube e de escola. Mas nenhum dos escalões de ambos os géneros estava disponível para escolha. Outro desporto passível de ser uma primeira escolha seria a natação. Por gosto pessoal, e por ter desempenhado profissionalmente as funções de professor no início da carreira. Mas também não foi possível. Na perspetiva de aprender mais em desportos com os quais tive pouco contacto

ao longo da minha carreira, tentei também poder ser responsável por equipas de ténis de mesa e badminton, mas por necessidade da escola, acabou por me ser atribuída a modalidade de voleibol. Na escola CAISL, foi o desporto com que mais trabalhei neste contexto, e com prazer aceitei. Ficou então decidido que na época de setembro, outubro e novembro seria responsável pela equipa de voleibol masculino de US, e na época de dezembro, janeiro e fevereiro pela de voleibol masculino de MS. Ficou para ser decidido em fevereiro que responsabilidades teria na época final.

2.3.2– Voleibol Masculino US

Recrutamento de Alunos

A nossa escola, consequência da sua juventude, com os seus apenas seis anos de existência, não tem sido capaz de ter equipas em todas as modalidades e escalões que participam nas conferências/ligas das quais é parte integrante. Até ao início deste ano letivo, nunca tínhamos tido uma equipa de US de voleibol masculina. Feminina sim. O nosso AD comunicou-nos que era uma situação que ele pretendia alterar imediatamente, visto haver pressão tanto da PRC como da SISAC para que pelo menos em US, a escola conseguisse fazer-se representar em todas as modalidades. Foi então que iniciámos o processo de divulgar a modalidade junto do nosso “público alvo”. Em anos anteriores, tentou-se começar, mas o número de alunos interessados foi sempre inferior ao número mínimo para se conseguir ter equipa. O plano de ação para o recrutamento incluiu assim as seguintes medidas:

- Divulgação por parte dos professores de EF nas respetivas aulas
- Presenças minhas, do AD e do treinador assistente em sala de aula de US que não de EF, para anunciar a existência da equipa, informando os alunos do entusiasmante quadro competitivo, com uma competição já no fim de semana seguinte
- Estabelecimento de parceria com os treinadores de basquetebol, esta sim uma modalidade que não tinha falta de alunos, bem pelo contrário. Estes treinadores reuniram-se com os seus alunos, apelando ao espírito de escola que se pretendia desenvolver, e informando-os também que teria influência na respetiva época tudo

o que os alunos fizessem até então, como por exemplo na de voleibol. Foi referido que uma prática desportiva diversificada e regular teria um impacto positivo na preparação da própria época de basquetebol

- Divulgação nas *newsletters* da escola, que são mensagens eletrónicas enviadas para os encarregados de educação
- Divulgação em horas de almoço no refeitório através do equipamento que projetava notícias da escola na maior parede da sala
- Afixação de cartazes nas paredes dos pisos de US da escola

Conseguimos então “recrutar” 7 alunos, todos eles do 12º ano de escolaridade, tendo os treinos iniciado na 5ª feira 12 de setembro, com um torneio da liga interna BASIS marcado para dois dias depois.

Apesar de todas estas estratégias terem tido resultados positivos, o que mais contribuiu para o sucesso em termos de número de participantes na equipa foi este torneio da liga BASIS. Confesso que quando soube que este iria ter lugar apenas dois dias após o primeiro treino, fiquei preocupado e de certa forma frustrado. Mas este evento foi determinante para que conseguíssemos ter uma equipa e com um número bastante satisfatório de membros.

Os Professores Responsáveis

No voleibol de US tive o prazer de trabalhar com um professor muito entusiasmado e ativo dentro e fora dos treinos. Este professor teve um papel fulcral no recrutamento de jogadores, na comunicação com os alunos fora do contexto de treino e na implementação de exercícios em treino. Este colega não é professor de EF, e apenas tinha tido contacto com a modalidade enquanto aluno. Mas a sua atitude positiva colmatou a falta de experiência. Não lhe posso agradecer o suficiente por tudo o que fez.

Calendarização

A época durou pouco menos de três meses, tendo-se iniciado a 12 de setembro e terminado no dia 30 de novembro.

A equipa treinou duas vezes por semana, às terças e quintas das 16h00 às 17h50. Em várias ocasiões, por calendarização da SISAC, tivemos competição em dias de semana que não terças e quintas. No total participámos em atividades em quatro sábados, o que tornou possível ter tido quatro semanas em que o total de dias em que trabalhámos foi de quatro.

A liga interna BASIS teve previstos dois encontros: a 14 de setembro para US e a 12 de janeiro, um domingo, para MS.

A conferência *Pearl River*, foi para nós apenas um torneio no dia 16 de novembro. Esta conferência envolve uma estrutura com mais torneios, mas apenas para quem termina nos dois primeiros lugares na divisão, o que não foi o caso.

A conferência SISAC, para além dos jogos em dias de semana, teve a sua *final-four* no dia 30 de novembro.

Planeamento

O planeamento num contexto de épocas de aproximadamente três meses tem necessariamente de ser diferente se comparando com um planeamento para um ano letivo inteiro, sendo o fator tempo determinante. Curado (1982) refere que proceder à elaboração de um plano não é fácil numa atividade tão complexa e tão sujeita às mais variadas influências como é a desportiva. No planeamento desta época, o fator tempo foi sem dúvida o mais determinante. Mesmo num curto espaço de tempo, ao contrário do que me foi permitido fazer na EF, o planeamento da época teve necessariamente de incluir etapas distintas, que me permitissem prognosticar, definir prioridades, trabalhar em função destas para atingir objetivos, e refletir no final.

1ª Etapa – Prognóstico (12 a 23 de setembro)

Nesta curta etapa, o propósito foi recolher o máximo de informação possível que me permitisse ser o mais eficiente possível no planeamento das sessões de treino, de forma a potenciar a evolução e progresso dos alunos e da equipa.

Nas sessões de treino desta etapa, o aquecimento foi na parte sem bola essencialmente de mobilização geral dinâmica e balística, e na parte com bola com exercícios de cooperação 1+1. Na parte fundamental do treino, durante estas duas

semanas foi feito trabalho de cooperação 1+1 e 2+2, que incidiu em ações técnico-táticas por estações, podendo os treinadores avaliar o desempenho nas mesmas. Estas incluíram exercícios de toque de dedos, manchete, serviço e remate. Também incluí jogo formal durante 20 minutos. A inclusão de jogo, para além de também ajudar na recolha de informação, serviu essencialmente por sentir que havia necessidade de tornar as sessões divertidas e atrativas para os alunos, para que quem estivesse quisesse voltar. A parte final teve como papel o retorno à calma.

No entanto, o dia 14 de setembro foi fundamental para poder desde logo começar a prognosticar a nossa época. Dois dias após o primeiro treino, competimos num ginásio com cerca de 200 pessoas a assistir, no primeiro encontro da liga interna BASIS. Referir-me-ei a ele com mais detalhe abaixo, mas para surpresa nossa, mais cinco alunos compareceram no dia, elevando o número total para 12. E o entusiasmo durante o evento foi tal que mais quatro se juntaram no treino seguinte. E foi dessa forma que a BISZ passou de não se conseguir fazer representar em US voleibol de rapazes, a ter uma equipa com um número de alunos bastante significativo. O dia foi sem dúvida um sucesso. A qualidade do voleibol praticado foi baixa, com uma enorme percentagem das bolas a serem enviadas para o outro lado da rede ao primeiro toque, especialmente na segunda metade dos dois primeiros *sets*, e quase na totalidade do terceiro. Mas ganhou-se uma equipa, e deu-se um passo de gigante na afirmação do voleibol no contexto escolar.

Após a segunda semana de treino, identificámos como sucessos a motivação, a assiduidade, a participação e no âmbito técnico-tático, o serviço. Como prioridades a serem trabalhadas com relativa urgência, identificámos a posição base, os deslocamentos, as técnicas de passe de toque de dedos e manchete, e também, a organização defensiva e ofensiva.

No capítulo lecionação, estabeleci como causa provável para a esmagadora maioria dos alunos ter sido classificado como de nível introdutório na maior parte das matérias, uma EF no passado pouco centrada em ações técnico-táticas. Sem surpresa, numa ACC de voleibol, essa lacuna foi demasiado óbvia. As execuções técnicas dos alunos evidenciaram bastantes incorreções, em muito derivadas de repetição das técnicas de forma incorreta, tal como Hercher identifica na prática antiga, anteriormente desenvolvida, prejudicial na aquisição de novas técnicas.

A segunda etapa teria de ser necessariamente um “curso intensivo” para que pudéssemos competir de forma pelo menos satisfatória.

2ª Etapa – Prioridades (23 de setembro a 21 de outubro)

Apesar de os resultados competitivos não serem um objetivo para nós, tínhamos presente que os jogos em dias de semana começariam a 14 de outubro. Foi nesta etapa que de forma intensiva, trabalhamos as questões identificadas na etapa de prognóstico como prioridades. Teodorescu (2003) refere que através de planeamento do treino, visa-se a prospeção do desenvolvimento qualitativo dos jogadores e da equipa, realizado com base num plano de atividades. Nesta etapa, este planeamento incidiu essencialmente em exercícios em estações de trabalho técnico-tático, com pouca complexidade, mas que contribuíssem para que a equipa conseguisse ter um 1º toque efetivo, que permitisse construir jogadas de três toques. Só com maior eficácia na posição base, nos deslocamentos, no toque de dedos e na manchete seríamos capazes de atingir o objetivo de ter propósito nas nossas ações ofensivas. A parte inicial dos treinos manteve-se inalterada, com bons aquecimentos e com muito trabalho de cooperação com bola. A parte fundamental, para além das referidas estações, começou a incluir 2X2, 3X3 e 4X4 com regras modificadas (Bayer, 1994) tal como serviços de distâncias mais curtas ou em toque de dedos. Só no último treino desta etapa voltámos ao 6X6. Nos jogos reduzidos só se somava pontos se em três toques, e o segundo toque deveria ser dado pelo jogador que na formação estava na rede. No 6X6 explicámos que o 6:0 seria a nossa forma de jogar, distribuindo, portanto, o jogador da posição 3. A decisão de não jogar com distribuidores designados foi fácil, visto não haver diferenças significativas na qualidade do passe em toque de dedos de jogador para jogador, e também pelo facto que treinar qualquer outra formação envolveria tempo de treino que teria de ser necessariamente retirado ao trabalho identificado como prioritário. Seria, no entanto, essencial para o programa de voleibol, que estas questões comesçassem a ser introduzidas na época de MS.

A evolução foi rápida, e esta etapa foi um sucesso. A comparação entre o jogo do dia 14 de setembro, que em muito se assemelhou a “ténis de mesa” pelo facto de a bola ter sido muitas vezes enviada para o campo adversário ao primeiro toque, e o do dia 14 de outubro foi muito favorável, e prova de que estávamos no bom caminho. Observou-se uma intenção de começar defensivamente os pontos numa posição base que permitisse deslocamentos rápidos, de deslocar para que o primeiro toque fosse dado orientado para o distribuidor e de jogar a três toques.

Na última semana e meia desta etapa mantivemos a mesma estrutura nos treinos, mas começámos a alargar o tempo em que treinámos 6X6 em detrimento do 2X2 e 4X4, pois já estávamos a jogar uma vez por semana e era essencial mais tempo de treino que refletisse a situação de jogo formal.

3ª Etapa – Progresso (22 de outubro a 21 de novembro)

Estabelecida uma base, ainda que pouco consistente no que foi identificado como prioritário, foi tempo de progredir consolidando tudo o que foi trabalhado na etapa anterior. Tudo o referido acima, acrescido da introdução da ação técnico-tática de remate e aperfeiçoamento da de serviço constituíram os desafios da 3ª etapa. O trabalho realizado em treino foi em muito semelhante ao da 2ª etapa às terças-feiras, e às quintas com tempo estendido para jogo 6X6. Deixámos de trabalhar em estações e começámos a diferenciar mais em termos da composição dos grupos em treino. Esta diferenciação justificou-se por se tornar evidente que alguns alunos evoluíram mais que outros.

O trabalho técnico-tático tornou-se ainda menos analítico, e depois de aquecimentos com foco em cooperação 2+2, a parte fundamental dos treinos incluiu cada vez mais jogos reduzidos e exercícios de defesa e ataque que simulassem situações específicas de jogo.

A introdução do remate foi natural, e se para uns foi uma introdução de algo novo, para outros foi o aperfeiçoar de algo que já executavam com pouca qualidade. Tínhamos sido frequentemente questionados do porquê de não termos trabalhado especificamente esta ação até aqui, tendo a nossa resposta sido que até conseguirmos ter um 1º toque minimamente eficaz, e um segundo com alguma qualidade, seria um desperdício de tempo trabalhar o remate de forma específica, ignorando o que tínhamos definido como prioridade. Aqui utilizámos vários exercícios de *Smashball*, essencialmente de 2X2 e 3X3, que permitem imprimir maior dinâmica de jogo, reduzindo interrupções e tendo maior quantidade de intervenções e mais ações ofensivas (Silva et al., 2018).

O serviço foi um ponto forte da nossa equipa desde o primeiro minuto. Ainda que com execuções com várias incorreções a nível técnico, a percentagem de sucesso foi sempre alta. Como consequência de a maioria das outras escolas estarem a um nível semelhante ou não muito superior à nossa em termos de qualidade de 1º toque,

conseguimos sempre muitos pontos no serviço. Trabalhámos essencialmente execuções tecnicamente mais corretas, mais precisas e melhor direcionadas.

4ª Etapa – Produto (22 de outubro a 21 de novembro)

Nas duas últimas semanas, o nosso foco centrou-se em aumentar a proficiência desenvolvendo a confiança e a competitividade da equipa. Com a *final-four* da conferência SISAC como competição mais importante prestes a acontecer, tentámos potenciar o que tinham sido as aprendizagens cada vez mais na situação de jogo formal. Utilizámos cenários de referência (Né et al., 2000) em 6X6, com definição de objetivos que ficassem claros e conscientes para os jogadores (Curado, 2002) como começar em situações de vantagem e desvantagem pontual, de tentar inverter situações em que o cenário foi a perda ou ganho de pontos consecutivos e outras que nos permitissem, ainda que de forma mais abstrata que numa competição, estar o melhor preparados possível para cenários prováveis de acontecer em situação de jogo.

2.3.3– Voleibol Masculino MS

Recrutamento de Alunos

Na sequência de um processo tão bem-sucedido no recrutamento de alunos para o voleibol de US, considerámos lógico repetir a maior parte dos passos do processo para o MS:

- Divulgação em sala de aula de EF
- Presenças minhas, do AD, do treinador da equipa feminina e dos treinadores assistentes em sala de aula de MS que não de EF, para anunciar a existência da equipa
- Divulgação nas *newsletters* da escola, que são mensagens eletrónicas enviadas para os encarregados de educação
- Divulgação em horas de almoço no refeitório através do equipamento que projetava notícias da escola na maior parede da sala
- Afixação de cartazes nas paredes dos pisos de MS da escola

O processo de recrutamento foi um grande sucesso. Entre rapazes e raparigas, na primeira semana tivemos cerca de 25 alunos envolvidos.

Os Professores Responsáveis

As equipas técnicas foram as mesmas da época de US. Apesar das equipas masculina e feminina competirem nos respetivos torneios, optámos por realizar uma primeira etapa, a de prognóstico, em conjunto. Os treinos foram liderados por mim e pelo treinador da equipa feminina, com assistência dos respetivos treinadores assistentes. O treinador da equipa feminina, era de nacionalidade estado-unidense, sendo a sua assistente da mesma nacionalidade. Estes professores eram os únicos responsáveis pelas equipas de voleibol até à minha chegada, tendo treinado desde a abertura da escola voleibol US de raparigas e MS de rapazes e raparigas.

Calendarização

A duração prevista da época era semelhante à de US, também com pouco menos de três meses, tendo-se iniciado a 10 de dezembro, e com data prevista para terminar a 29 de fevereiro.

A equipa treinou duas vezes por semana, às terças e quintas das 16h00 às 17h50. Os jogos a dias de semana estavam calendarizados apenas para estes dias, não havendo em MS semanas com mais que dois dias de atividade, excetuando se competindo ao fim de semana.

O evento da liga interna BASIS teve lugar em 12 de janeiro, um domingo. A conferência SISAC tinha os seus jogos marcados apenas para o mês de fevereiro e tinha a sua *final-four* no calendarizada para 29 de fevereiro. A pandemia levou à interrupção da época, tendo sido o nosso último treino a 16 de janeiro. A época teve, portanto, sete treinos e um torneio com cinco jogos.

Planeamento

O planeamento da época de MS foi em termos conceptuais e de estrutura semelhante ao da época de US, incluindo etapas distintas, que me permitissem

prognosticar, definir prioridades, trabalhar em função destas para atingir objetivos, e refletir no final.

1ª Etapa – Prognóstico (10 a 19 de dezembro)

Com o intuito de identificar e estabelecer prioridades, tal como na etapa prognóstico na época de US, planeámos as sessões de treino com aquecimentos sem bola essencialmente de mobilização geral dinâmica e balístico, e na parte com bola com exercícios de cooperação 1+1. Na parte fundamental do treino, durante estas duas semanas foi feito trabalho de cooperação 1+1 e 2+2 em estações. Estas incluíram exercícios de toque de dedos, manchete e serviço. Incluímos jogo formal apenas à quinta-feira.

No final da etapa, concluímos o trabalho na fase prioridades deveria ser quase exclusivo de aprendizagem e desenvolvimento técnico-tático, com foco na posição base, nos deslocamentos, no toque de dedos, na manchete e no serviço. Constatámos também que este era um grupo bem mais heterogéneo do que o de US. Considerámos também que deveríamos nesta época introduzir o conceito de ter distribuidores designados. Nesta 1ª etapa, não o considerámos como uma prioridade. Dependendo da evolução do grupo, planeámos introduzir esta tão significativa mudança na 3ª etapa, algo que nunca chegou a acontecer.

2ª Etapa – Prioridades (6 a 16 de janeiro)

Este ano letivo teve um calendário muito peculiar. As duas grandes pausas letivas são a do inverno e a do ano novo chinês. Este último é móvel, e neste ano, estas duas grandes pausas tiveram apenas duas semanas de interregno. Foi basicamente estar duas semanas fora, voltar para duas de atividades letivas, e depois estar outras duas em férias. Este facto foi perfeito para a nossa planificação, pois a 2ª etapa pôde estar isolada, não havendo competição com exceção do encontro da liga interna BASIS na BIPH.

Trabalhámos então de forma intensiva as ações técnico-táticas acima descritas em estações, intercalando exercícios mais abstratos de trabalho técnico com jogos reduzidos. Segundo Curado (1982), é fundamental conhecer-se os jogadores, não se podendo pretender que estes façam, logo à partida, algo que esteja longe daquilo que lhes

é permitido pelas aquisições que possuem, na sequência do que até então lhes foi ministrado. Como tal, os grupos em muitos casos foram de natureza mista, pois quisemos que fossem o mais homogêneos possível, diferenciando o mais possível. O 6X6 teve naturalmente de estar presente, mas numa perspetiva de os alunos estarem minimamente confortáveis para o evento BASIS. Aqui diferenciámos por género.

Este período foi para nós um grande sucesso, pois conseguimos ter um número muito bom de alunos (16 rapazes e 17 raparigas) a trabalhar, e a evolução foi digna de registo.

2.3.4 – Quadro Competitivo: Ligas/Conferências

Liga Interna BASIS

Existe um plano para que todas as escolas BASIS possam competir entre si num futuro a médio prazo numa liga que envolverá torneios regulares, com sedes a alternar entre as escolas. A ideia é envolver as escolas existentes e as novas que estão por abrir numa competição nacional.

Para o US, neste ano letivo, dois torneios/encontros estiveram previstos. Um primeiro, a 14 de setembro, competindo para o US em voleibol as três escolas da província de *Guangzhou*: As BASIS *Shenzhen*, *Guangzhou (BIGZ)* e *Park Lane Harbor* e o segundo a 12 de janeiro, onde o MS competiu em voleibol e o US em basquetebol.

1º encontro – 14 de setembro no *Shekou Sports Center*

Este aconteceu a 14 de setembro, tal como referi, dois dias apenas após o nosso primeiro e único treino de US voleibol. Este torneio, organizado pela nossa escola teve lugar no centro desportivo de *Shekou*, a cerca de 10 minutos da nossa escola. Esta é um complexo que inclui um ginásio, dois campos de futebol, quatro campos de ténis e pista de 400m de atletismo. Neste torneio competiram as equipas masculinos e femininas de US voleibol, e a de MS futebol masculino. No futebol, realizou-se um torneio com as três escolas, mas no voleibol, apenas competimos num jogo de três sets com a BIGZ, visto que a BPLH não conseguiu ter um número suficiente de jogadores, tanto no masculino como no feminino.

Num ginásio com cerca de 200 espectadores, situação que foi uma completa e agradável surpresa para mim, realizámos o nosso primeiro jogo da época.

O facto de apenas termos tido apenas um treino foi bastante evidente, mas a situação não era diferente para a outra escola. Aos jogadores foi pedido que se divertissem, que disfrutassem do ambiente, e que dessem o seu melhor no pouco que lhes tinha sido transmitido no único treino: que tentassem utilizar o espaço de uma forma o mais organizada possível, que mantivessem uma posição base o máximo tempo possível, que jogássemos a três toques no maior número de vezes que conseguíssemos, e que pouca importância fosse dada ao resultado. Relatando da forma mais honesta possível o que se passou naquele dia, é verdade que praticamente nenhum dos objetivos foi conseguido. O jogo tornou-se muito mais competitivo do que nós desejávamos, mas foi uma consequência natural do ambiente, com tanta gente a expressar-se nas bancadas, e também por uma rivalidade (saudável) que nasceu naquele momento com a escola de *Guangzhou*. Cada ponto ganho foi celebrado como se fosse o ponto decisivo de uma final de um campeonato do mundo, e cada perdido motivo de frustração. O jogo foi essencialmente físico, com muito pouca qualidade técnica e tática, e os tempos de desconto serviram quase só para intervir na parte mental do jogo. Qualquer instrução técnica ou tática simplesmente não conseguia ser implementada. Perdemos o primeiro set por 25-12, e a desilusão foi notória. Começámos muito bem o segundo e a motivação cresceu. Ganhámos por 25-20. O terceiro foi o mais emocionante que se possa imaginar, com uma vitória por 17-15 e com uma celebração no final despropositada, mas natural e compreensível. A maioria dos pontos de uma e outra equipa foram obtidos direta ou indiretamente do serviço, e a bola foi vezes demais enviada ao primeiro toque. Longe de ter sido um sucesso em termos do que acabaram por ser as prioridades identificadas na etapa prognóstico, foi um sucesso tremendo no desenvolver do espírito de escola, e em recrutar jogadores para a equipa, consequência do entusiasmo demonstrado que contagiou também quem assistiu. Foi talvez o dia mais entusiasmante de toda a época e um dia que recordarei para sempre.

2º encontro – 12 de janeiro na escola BASIS Park Lane Harbor

Neste dia, competiram em US as equipas de basquetebol, e em MS as de voleibol. Em MS, as escolas puderam inscrever duas equipas por género. Tanto no

masculino como no feminino, dividimos as equipas em duas de uma forma o mais equilibrada possível. Esta não foi a postura de uma das escolas, que claramente preferiu ter uma metade mais competitiva, e outra obviamente menos forte. Este encontro não era para nós um objetivo competitivo, sendo fundamental a participação, o convívio e a experiência. Não criticando quem preferiu fazê-lo de modo diferente, optámos por que jogadores(as) mais experientes pudessem estar em campo com outro(as) menos experientes.

A competição incluiu dois grupos de três equipas cada, realizando dois jogos no grupo. Os dois primeiros classificados de cada grupo disputaram as meias-finais, e os terceiros um jogo entre si. Nos rapazes uma das nossas equipas terminou a fase de grupos na primeira posição e outra na segunda, o que fez com que se defrontassem numa das meias-finais. Uma delas disputou mais tarde o jogo de 3º e 4º lugares, ficando em 3º, e a outra perdeu a final no terceiro set por uma diferença de dois pontos. Comprovou-se que houve uma evolução generalizada, sendo também competitivos. Ambas as equipas tiveram um dia cheio de sucessos, em oposição com a escola que venceu o torneio, mas teve a sua outra equipa no último lugar sem ganhar qualquer set.

A Conferência *Pearl River*

Nesta liga, com escolas da região do Rio Pérola, onde participámos pela primeira vez apenas em US (HS, ou seja, *High School* na terminologia oficial da competição), competimos na divisão amarela com as escolas *Zhuhai International School*, *Utahloy International School of Guangzhou* e *Canadian International School of Guangzhou*. Esta conferência envolve um torneio onde as escolas da divisão competem, e uma fase final onde as duas primeiras classificadas de cada divisão disputam o troféu.

No dia 16 de novembro, deslocámo-nos à escola *Utahloy International* de *Guangzhou* para o torneio que durou o dia inteiro. Foi um dia muito importante para nós pois ajudou-nos muito a prepararmo-nos para a *final-four* da SISAC, esta sim uma competição onde as escolas estavam mais ao nosso nível. As escolas *Utahloy* e *Canadian*, com grande tradição na modalidade e com vários jogadores também federados, ajudaram-nos a compreender o muito que tínhamos a evoluir enquanto equipa, não nos dando qualquer hipótese. Contra elas, praticamente só fizemos pontos em erros cometidos por

elas. Ambas jogavam num 5:1 com distribuidor designado, com bloco, e com uma organização muito treinada e evoluída. Para efeitos de autoconfiança, foi muito importante conseguir derrotar a escola de *Zhuhai* na fase de grupo e também no jogo de 3º e 4º lugares.

A Conferência SISAC

Na conferência SISAC que inclui apenas escolas da cidade de *Shenzhen*, acabámos por participar apenas em US (HS, ou seja, *High School* na terminologia oficial da competição). Teríamos competido em MS, mas a pandemia levou ao cancelamento de todo o quadro competitivo que se iniciaria em fevereiro.

Em US competimos essencialmente durante a semana e em dois sábados, com as escolas *Shen Wai International School*, *International School of Nanshan Shenzhen*, *Shekou International School*, *Vanke Meish Academy* e *Shenzhen College of International Education*. As escolas jogaram entre si a duas voltas, estabelecendo uma classificação na fase “regular.” A 23 de Novembro, decorreu a *final-four*, em que o 1º defrontou o 4º, e o 2º defrontou o 3º.

Na fase regular, vencemos todos os jogos, exceto os contra a escola *Shen Wai*. Na meia-final derrotámos a escola *Vanke*, defrontando na final a *Shen Wai*. A derrota por 3-0 na final não foi inesperada. Esta escola foi sempre claramente superior a nós durante toda a fase regular, e o facto de os sets nesta final terem terminado com desvantagens inferiores a 8 pontos foi um sinal de progresso.

Terminarmos em segundo lugar nesta competição no primeiro ano em que conseguimos ter equipa de US voleibol masculino foi motivo de orgulho.

2.3.5– Balanço

Numa escola ainda com pouca cultura desportiva em contexto de ACC, foi um orgulho poder ter contribuído para a afirmação da modalidade voleibol. Pode-se dizer que em anos anteriores houve um sucesso moderado no MS e no US feminino, mas tal como foi referido, a nossa foi a primeira equipa a representar a escola em US masculino. Se bem que cerca de metade dos alunos terminaram o 12º ano de escolaridade, a outra metade desenvolveu um gosto pela modalidade que permitirá com certeza, ter uma base no

próximo ano letivo. Com continuidade e integração dos alunos do MS nesta equipa, o futuro a curto e médio prazo ficou assegurado. Criaram-se bases a nível técnico e tático para já no próximo ano se poder jogar com outras organizações, táticas e estratégias. Em termos competitivos, estou convicto que fomos bem-sucedidos. Existirão com certeza, por um período de tempo mais ou menos longo, diferenças entre os nossos resultados e os das escolas que terminaram acima de nós nas tabelas classificativas das conferências PRC e SISAC neste ano. Estas têm programas iniciados há mais tempo e com jogadores com muitos mais anos de prática. Mas confio que estas diferenças podem ser atenuadas num período de três a cinco anos, beneficiando de um bom trabalho também a nível do MS, onde aí sim, podemos competir de igual para igual com qualquer escola da região. Após vários anos em que fui responsável na escola CAISL pela equipa de *varsity* feminino (escalão equivalente ao US na BASIS), equipa composta por alunas com vários anos de experiência, e onde tanto a nível técnico e tático se jogou a um nível muito mais alto, com participações em torneios locais e internacionais, foi estimulante interagir com os alunos da BISZ numa forma adaptada à sua idade em termos de linguagem, mas com conteúdo técnico e tático de nível bem inferior, ao nível do MS da CAISL. No que diz respeito especificamente à época de MS, foi para mim uma constatação de que existiu uma grande vontade de participar e de representar a escola, especialmente nesta faixa etária. Num país onde o tempo das crianças não dedicado à escola está normalmente preenchido com atividades não físicas, esta adesão foi um motivo para celebrar. O trabalho feito nas duas primeiras, e infelizmente únicas etapas da época refletiu progresso e evolução por parte dos alunos, especialmente no que diz respeito às ações técnico-táticas e à organização dentro de campo. Os treinos foram divertidos e desafiantes, tendo sido frustrante não se ter podido dar continuidade em contexto de quadro competitivo.

Conclusão

No final de um ano letivo que posso classificar como fascinante, posso concluir que os objetivos que me levaram a embarcar nesta aventura foram cumpridos. Sem qualquer tipo de dúvida, a 30 de maio de 2021, data em que escrevo esta conclusão, sou um docente mais competente do que o era no dia 15 de julho de 2019, data em que me apresentei ao serviço na BISZ. Infelizmente, a pandemia que vivemos encurtou esta experiência no tempo, mas estou convicto que se esta tivesse tido a duração inicialmente prevista, as frases com que iniciei esta conclusão teriam ainda mais significado. Provavelmente, também a minha contribuição para o desenvolvimento da disciplina de EF nesta escola teria tido uma dimensão maior do que acabou por ter. Acredito sinceramente que o fator continuidade é fundamental no desenvolvimento da identidade de uma escola. O meu objetivo era permanecer pelo menos os três anos, e eventualmente estender o contrato. Na minha experiência profissional anterior que durou treze anos, tive o privilégio de assistir à cerimónia de graduação de jovens adultos que conheci ainda crianças, sentindo que fui parte importante no seu trajeto de formação enquanto alunos e pessoas. Na BISZ estou convicto de que também o fui, embora numa escala muito menor. Os alunos com que interagi conheceram e experimentaram uma EF centrada nas matérias e no trabalho técnico-tático ainda que eventualmente menos lúdica; menos estruturada por blocos; com ênfase no desenvolvimento da condição física no geral, e na força e resistência em particular; com objetivos definidos e exequíveis; com práticas que resultaram numa diferenciação do ensino; com feedback personalizado; com foco na importância de se ser fisicamente ativo; e com uma avaliação formativa estruturada, individualizada e centrada nas matérias.

Estou convicto também, que os meus colegas de departamento beneficiaram com o que eu importei para a BISZ da minha formação inicial e experiência profissional, aprendendo comigo da mesma forma que eu aprendi com eles.

Importa terminar com aquilo que eu exporto desta experiência para a minha carreira profissional no futuro. Todos os anos letivos são diferentes, mesmo que se lecionem os mesmos níveis de ensino, com os mesmos alunos, colegas, instalações, e mesmo tipo de planeamento e material. Em todos se deve refletir, identificando sucessos e aspetos menos conseguidos, tendo sido todos estes referidos nos balanços dos respetivos capítulos. Importa nesta conclusão projetar o futuro. Em muitos momentos neste ano letivo, senti-me como se fosse o meu primeiro ano de docência. Estou convicto, de que durante toda a minha carreira, ocasionalmente, me irei sentir assim. A profissão de

professor é assim mesmo, e é este um dos fatores que a tornam apaixonante. Cada aluno é único, competindo-nos exibir a melhor versão de nós mesmos com o propósito de potenciar o seu desenvolvimento e as suas aprendizagens. Muitas vezes adaptando aquilo que sabemos ao contexto, mas muitas outras também, aprendendo com o que experimentamos. Neste ano letivo, tornei-me mais competente na capacidade de me adaptar e de aprender. Os alunos, os colegas, o currículo, as instalações e o material foram fatores que permanentemente me colocaram fora da minha área de conforto. E não existe melhor cenário para um professor evoluir: ensinei muito por blocos, o que só por si fez com que uma aula minha na BISZ diferisse em muito do passado recente em termos de estrutura e organização; a AI foi feita de uma forma atípica, tendo sido espaçada no tempo e o planeamento na leção não foi feito por etapas, tendo-se estes dois fatores traduzido em vários momentos de insegurança, mas estou confiante que a resposta dada satisfizesse as necessidades dos alunos; a cooperação com colegas de DEF foi intensa, nomeadamente com o outro colega que ensinou MS, mas resultou numa análise das matérias e de situações de aprendizagem que se adaptaram à realidade e que permitiram definir objetivos; a evolução da qualidade de utilização do tempo útil de aula, especialmente a partir do final do GP1, altura em que senti uma simbiose entre o adaptar dos alunos às minhas rotinas e da minha parte à sua identidade; as características do sistema de avaliação, que numa fase inicial me deixaram inseguro, mas que contribuíram para me concentrasse num avaliar muito mais focado no processo do que no produto; e finalmente o contexto de ensino à distância. Qualquer professor (e aluno) foi desafiado por esta realidade tão inesperada, mas no meu caso, o período que esta compreendeu foi consideravelmente extenso. Este fator, aliado às circunstâncias de estar fisicamente longe da RPC, tornaram esta experiência ainda mais complexa. Ao longo das quatro fases que descrevi, consegui progressivamente ensinar aulas cada vez menos abstratas, e cada vez mais interessantes para os alunos. Houve uma tentativa de reduzir ao mínimo possível os efeitos do ensino online na condição física dos alunos e de relacionar o conteúdo das aulas com o currículo. Na área das ACC, durante o tempo em que estive em *Shenzhen*, estou convicto de ter contribuído para uma afirmação da modalidade voleibol na escola, e para a criação de uma base de trabalho que permita uma consolidação desta afirmação. Nas equipas que treinei conseguimos ter um número bastante satisfatório de participantes, e estes estiveram expostos a uma atividade estruturada, com objetivos, digna de representar a escola, divertida e com significado. A época de US foi muito interessante pelo facto de

ter tido a necessidade de basear os conteúdos num voleibol essencialmente para alunos com pouco contacto com a modalidade, mas com muita vontade de competir. Foi desafiante encontrar um equilíbrio entre o tempo atribuído ao trabalho de base e tempo dedicado à situação de jogo formal. Também o foi gerir expectativas, e o estabelecer de objetivos exequíveis. Consequentemente, estou confiante de no futuro, estar melhor preparado para ser responsável por equipas tanto de nível introdutório, como de nível mais avançado. A época de MS infelizmente foi interrompida praticamente no início pela pandemia, mas nela conseguimos reunir um grupo significativo de alunos motivados e com gosto pela modalidade.

Este relatório, concretiza neste espaço e neste tempo uma postura me caracteriza enquanto profissional e pessoa. Serei sempre aluno, e sempre quereirei aprender. Praticamente vinte anos após concluir a licenciatura, desafiei-me ao matricular-me de novo na Universidade. Desta ou de qualquer outra forma, a formação contínua é uma prioridade para mim. Mas nesta em particular, elaborar um documento com estas características obrigou-me a refletir, estudar, consultar literatura e trabalhos académicos de outros. À posteriori, reconstituí um ano inteiro de trabalho, vivenciado uma segunda vez a experiência que foi ser professor na BISZ. Não poderia estar mais agradecido a todos os que me proporcionaram a possibilidade de o fazer. Ao elaborar este documento, tornei-me também um melhor profissional: um professor que possa cada vez melhor corresponder às expectativas e às necessidades dos alunos com que irei interagir.

Referências Bibliográficas

- Bayer, C. (1994). *O Ensino dos Desportos Colectivos*. Lisboa: Dinalivro.
- Bom, L., Carreiro da Costa, F., Carvalho, L., Cruz, J., Jacinto, J., Mira, J., Pedreira, M., & Rocha, L. (1989). *Programas Nacionais de Educação Física, 1º- 12ª ano*. Lisboa: Direcção Geral dos Ensinos Básico e Secundário, Ministério da Educação.
- Brás, J., & Monteiro, E. (1998). A Importância do Grupo para o Desenvolvimento da Educação Física. *Revista Horizonte*. 15 (86), 1-12.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF* 10/11, 135-151. Acedido em 7 de março de 2021, em <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/163/150>
- Colvin, A., Markos, N., & Walker, P. (2000). *Avaliação das Aprendizagens em Educação Física*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Comédias, J. (2012). A Avaliação Autêntica Em Educação Física – O Problema dos Jogos Desportivos Colectivos. Tese apresentada ao Instituto da Educação da Universidade Lusófona para obtenção do grau de doutor, orientada por Maria do Carmo Clímaco. Acedido em 20 de maio de 2021, em <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/8571/1/Tese.pdf>
- Curado, J. (1982). *Planeamento do Treino e Preparação do Treinador*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Curado, J. (2002). *Organização do Treino nos Desportos Colectivos: Pontos de Partida*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Curphey, M. (2019). Number of International Schools Continues to Rise. *Relocate Magazine*. Acedido em 10 de janeiro de 2021 em

<https://www.relocatemagazine.com/articles/education-numbers-of-international-schools-continue-to-rise-curphey-0519>

Einstein, A. (2021). *Quotes*. Quotes.net. Acedido em 30 de Março de 2021, em

<https://www.quotes.net/quote/9353>

Fernandes, D. (2004). *Avaliação das Aprendizagens: Uma Agenda, Muitos Desafios*.

Lisboa: Texto Editores.

Gonçalves, J. (2009). *Voleibol. Ensinar Jogando*. Lisboa: Livros Horizonte.

Grineski, S. (1996). *Cooperative Learning in Physical Education*. Champaign, IL:

Human Kinetics.

Guskey, T. (2005). Mapping the Road to Proficiency. *Educational Leadership Magazine*

63 (3) 32-38. Acedido em 25 de maio de 2021, em

<http://tguskey.com/wp-content/uploads/Assessment-3-Mapping-the-Road-to-Proficiency.pdf>

Hayden, M., & Thompson, J. (2008). *International Schools: Growth and Influence*.

Paris: UNESCO International Institute for Educational Planning.

Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Hercher, W. (1975). *Basquetebol*. Lisboa: Editorial Estampa.

Marques, N., Ferro, N., Martins, J., & Carreiro da Costa, F. (2017). The Performing of a

Secondary Physical Education Department Committed to the Portuguese

Physical Education National Curriculum. *Motricidade 13*, 100-111.

Metzler, M. (2000). *Instructional Models for Physical Education*. Needham Heights,

MA: Ally and Bacon.

Mohensen, B. (1997). *Teaching Middle School Physical Education – A Blueprint for*

Developing an Exemplary Program. Champaign, IL: Human Kinetics.

- Né, R., Lanhuppe, H., & Bonnefoy, G. (2000). *Enseñar Voleibol para Jugar en Equipo*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Perrenoud, P. (1993). *Prática Pedagógica Profissão Docente e Formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Siedentop, D. (1994). *Sport education: Quality PE through Positive Sport Experiences*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona: INDE Publicaciones.
- Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mountain View, CA: Mayfield Publishing.
- Silva, D., Silva, L., Simões, J., Nóbrega, M., & Lopes, H. (2017). O Voleibol nas aulas de Educação Física: O jogo de "Smashball." *Digituma*. Acedido em 24 de março de 2021, em <https://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/1702/1/O%20Voleibol%20nas%20aulas%20de%20Educa%c3%a7%c3%a3o%20F%c3%adsicaHelderLopes.pdf>
- Silverman, S., & Ennis, C. (1996). *Student Learning in Physical Education – Applying Research to Enhance Instruction*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Teodorescu, L. (2003). *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.